



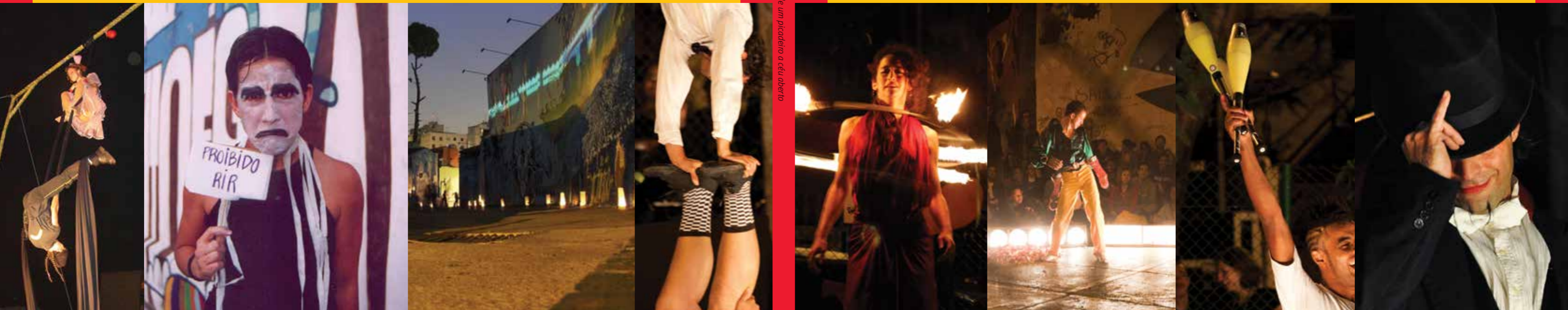
Em 2003, artistas de variadas partes da América Latina uniram-se para realizar um espetáculo circense ao ar livre. Escolheram como palco um beco inteiramente grafitado que dava acesso a uma praça, na Vila Madalena, em São Paulo (SP). Como principal objetivo, tinham a valorização dos artistas de rua e a ocupação dos espaços públicos, além de transformar o local em um verdadeiro palco aberto, no qual todos os interessados poderiam se apresentar. Este livro apresenta uma pesquisa que reúne entrevistas com os fundadores e frequentadores, fotos, relatos e as principais influências que o espaço criou. Conheça como esses artistas transformaram o espaço em um local de fomento da arte, numa escola informal e em um verdadeiro ponto de referência para circenses e artistas de rua.

BAÚ CIRCO NO BECO

histórias de um picadeiro a céu aberto

BAÚ CIRCO NO BECO

histórias de um picadeiro a céu aberto



ISBN: 978-85-60662-20-3



9 788560 662203



Realização





Anderson Spada, 2011



Bárbara Francesquine, 2012

BAÚ CIRCO NO BECO

histórias de um picadeiro a céu aberto

Giulia Cooper e Maria Fernanda Vieira

edições  **arvoredo**



Patrocínio



Realização



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

© Giulia Nina Cooper Kignel
© Maria Fernanda Vieira Carneiro

Coordenação de produção
Rita Masini

Edição e revisão de texto
Paulo Verano

Projeto gráfico, edição de arte
e diagramação
Marcello Araujo
Rafi Achcar

Assessoria Jurídica
Rodrigo Buchiniani

Impressão
Yangraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

B337

Baú circo no beco : histórias de um picadeiro a céu aberto /
Organização Giulia Nina Cooper Kignel ; Maria Fernanda
Vieira Carneiro . – São Paulo : Arvoredo : Funarte, 2014.
96 p.: il. : color. ; 21x21 cm.

ISBN 978-85-60662-20-3

1. Circos – Brasil – História . 2. Vila Madalena – (São Paulo, SP)
– História. 3. Teatro de rua – (São Paulo,SP). 4. Imagens
fotográficas. 5. Atores – (São Paulo, SP) – Entrevistas.
I Kignel, Giulia Nina Cooper, org, 1990-. II. Carneiro, Maria
Fernanda Vieira, org, 1982-. III. FUNARTE. IV. Título.

CDD 791.30981

Índices para catálogo sistemático:

1. Circos – Brasil – História
2. Vila Madalena – (São Paulo, SP) – História
3. Teatro de rua – (São Paulo,SP)
4. Imagens fotográficas
5. Atores – (São Paulo, SP) – Entrevistas

2014

Edições Arvoredo

um selo da A+ Desenho Gráfico e Comunicação Ltda.
Rua Fidalga, 154, cj. 3 – 05432 000 – São Paulo – SP
Tel (11) 3031 2734 – Fax (11) 3816 5113
E-mail: contato@edicoesarvoredo.com.br



Rogério Piva, 2011

Roteiro

Respeitável público... 7

O espetáculo vai começar! 13

Aplausos! 37

Além do Beco 65

Por trás das cortinas... 78

Memórias reveladas 88

Referências/Agradecimentos 94

Créditos das fotos 95



André Becker, 2011

Elias Ficavontade e
Emerson Noise, 2011



Panfleto CnB, 2003

Banda composta por integrantes do Circo Delírio e
The Pambazos Bros, 2013



Respeitável público...

As luzes estão apagadas e o espetáculo já vai começar! A gambiarra logo vai se acender. É melhor verificar se todos os refletores estão com lâmpada, senão vamos correndo comprar...

As comidas para o improvisado camarim dos artistas já estão colocadas sobre uma toalha branca. O pano, um pouco desfiado, com letras das mais variadas estampas que dizem “CIRCO NO BECO”, já está preso à grade que cerca a praça. Vendedores de pipoca, cachorro-quente, bolinho hare krishna, sanduíche natural... Todos estão chegando, como em um circo de lona, oferecendo seus produtos para o público.

A arquibancada de cimento está lotada, mas ainda há alguns lugares no chão para aqueles que desejam ficar mais próximos dos artistas! Acendem-se as luzes! O espetáculo começou! Logo chega um apresentador, enquanto a produção ainda está fazendo os ajustes finais.

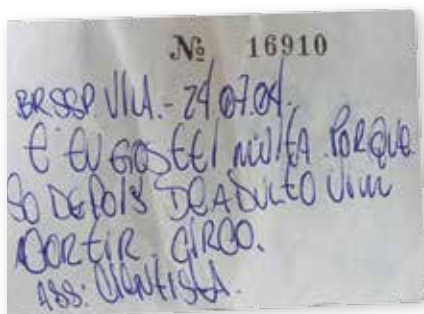
“— E agora, começamos mais uma edição do CIRCO NO BECO!”

O público aplaude. É o início do espetáculo! Um palco aberto! Este é o momento em que qualquer um do público pode se apresentar...

E é assim que vamos começar a apresentar nossa história!

Fazer um livro não é tarefa fácil. Ao longo do caminho, aprendemos que realizar um registro de um movimento tão plural e coletivo é uma empreitada delicada. No meio disso, nos perguntamos: então por que fazer um livro? Para que serve um livro?

O livro serve para contribuir na formação do mundo interior de todas as pessoas, para imortalizar o mortal, para gerar a possibilidade de conhecer, de saber, de existir. Um livro nos leva a lugares que podemos ter visitado, mas a capacidade de nos envolver com as palavras traz sensações que perduram no tempo. Talvez ler um livro não seja algo que aconteça tão comumente quanto deveria, pelo menos não no Brasil, e isso não é por falta de escritores, e sim por falta de incentivo ao prazer da leitura.



**Bilhetinhos deixados
pelo público, 2005**

Os tempos atuais quiçá não sejam o melhor momento para se publicar um livro. Com o desenvolvimento enlouquecido da internet e dos meios de comunicação da era canibal, somos levados a ler e engolir coisas sem pensar. No entanto, talvez por esta mesma razão, resolvemos quase que intuitivamente que deveríamos retratar a história do Circo no Beco (CnB) em livro, registrar os dez anos de um movimento contemporâneo, de 2003 a 2013, de uma maneira clássica, tornando-o permanente e reconhecendo-o como tal. Cá está nosso livro, que agora pode chegar a tantos lugares!

Vamos começar contando um pouco do início dessa ideia... Em uma conversa informal, nós duas pensamos sobre a possibilidade de se registrar a história da arte de rua circense no Brasil, afinal, apesar de as pesquisas sobre o circo estarem constantemente crescendo em nosso país, ainda havia pouquíssimos escritos dedicados exclusivamente à arte de rua circense. O local em que nos conhecemos foi justamente o Circo no Beco, onde também iniciamos nossas primeiras apresentações e produções de espetáculos.

Sendo assim, foi quase natural que decidíssemos que o foco de nossa pesquisa seria essa importante experiência que se deu no bairro paulistano de Vila Madalena, já tão tradicionalmente afeito às artes (de rua, inclusive, como o *graffiti*), caracterizando o CnB como um importante movimento da arte de rua circense no Brasil. Inscrevemos nosso projeto e fomos contempladas no edital da Funarte (Fundação Nacional de Artes) com o **Prêmio Carequinha de Estímulo ao Circo**. E assim começamos a pesquisar... Sem saber muito por onde começar; afinal, a história era longa e repleta de fatos diversos.

Procuramos Verônica Tamaoki, que nos mostrou alguns documentários e textos sobre o tema. Esse encontro foi muito importante, pois Verônica, com sua longa bagagem em pesquisas circenses, logo nos mostrou que a arte circense de rua é muito mais antiga do que imaginávamos. Como veremos nas páginas do livro, os primeiros circenses que chegaram ao nosso país logo ocuparam a rua!

Precisávamos antes de tudo juntar material fotográfico e iconográfico, pois era importante que o livro contivesse fotos de todos os anos do CnB. Logo lançamos um grande chamado na internet e fomos atrás de diversos fundadores e pessoas que participaram em alguma época da história do movimento. Os textos,

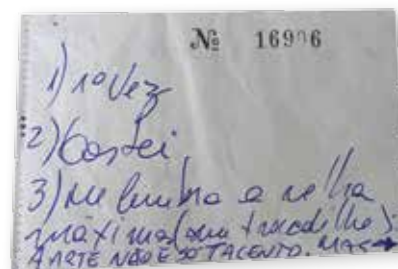
fotos, registros de reuniões e outros documentos estavam espalhados nos mais variados locais... Aos poucos, fomos juntando todo esse material para depois realizar uma seleção do que finalmente entrou no livro. Afinal, recebemos muitas fotos desses dez anos de história!

Durante muito tempo, tudo foi debatido entre a comissão organizadora em uma lista de e-mails na internet. Relemos os milhares de e-mails já trocados entre os participantes da lista para que pudéssemos tentar elaborar uma linha do tempo e verificar quem esteve presente durante os dez primeiros anos de história. Procuramos contatar fotógrafos que voluntariamente participaram dos espetáculos, pedindo as fotos em alta qualidade para serem utilizadas no livro. Felizmente, a maioria demonstrou interesse em ajudar a registrar essa história e ter suas fotos publicadas.

Em seguida começamos as entrevistas. Primeiro elaboramos uma lista daquelas pessoas que já sabíamos que era preciso entrevistar. Com alguns, conseguimos marcar encontros presenciais, com outros, entrevistas por Skype. Ao longo desses anos, algumas pessoas participaram mais do que outras, ou tiveram funções específicas e bem importantes. Para esses, procuramos elaborar questionários individualizados. Fora isso, também elaboramos um questionário geral que ficou disponível durante um ano na internet para que todos os interessados pudessem responder. Durante o período de entrevistas, fomos descobrindo mais pessoas que fizeram parte dessa história. Os próprios entrevistados nos indicavam outros que deveriam ser contatados. Foi assim que entrevistamos pessoas que fizeram parte do CnB e hoje estão espalhadas pelos mais variados países.

Felizmente, a participação e o interesse foram grandes, e tivemos mais de cem entrevistados!

A história do Circo no Beco é, como dissemos, plural, variada e não possui uma forte linearidade. A grande dificuldade do livro foi conseguir colocar nas páginas que tínhamos os diversos momentos pelos quais o movimento passou, além de incluir o maior número de pessoas em suas páginas, afinal, a história sempre foi escrita por diversas pessoas. Para alguns a quem mostramos o material, nos disseram que o ideal era fazer três livros e não um! A vontade era a de fazer uma grande enciclopédia com toda a pesquisa na íntegra, mas infelizmente não havia verba para isso... (E talvez, quem sabe, este possa ser um desdobramento futuro, aí sim pelos mares da internet!)





Mafê Vieira e Giulia Cooper, 2008

O que nos deparamos durante a pesquisa é que não há uma verdade sobre o que de fato aconteceu em todas as edições do CnB, nem mesmo como afirmarmos quais foram os melhores e os piores momentos de sua história. Cada entrevistado tem uma visão diferente do que foi o CnB para a sociedade e também para a própria formação e experiência. Partindo disso, procuramos incluir o maior e mais variado número possível de depoimentos, respostas e fotos sobre o CnB nas páginas que seguem. Tentamos ao máximo somente organizar essa história, deixando que os artistas a fossem contando. Optamos, também, por deixar textos que contam sobre as edições, escritos por quem viveu os momentos. É assim que vocês podem ver o belíssimo depoimento de Rodrigo Pereyra logo no início do livro. Quem viveu conta melhor do que ninguém como foi a situação!

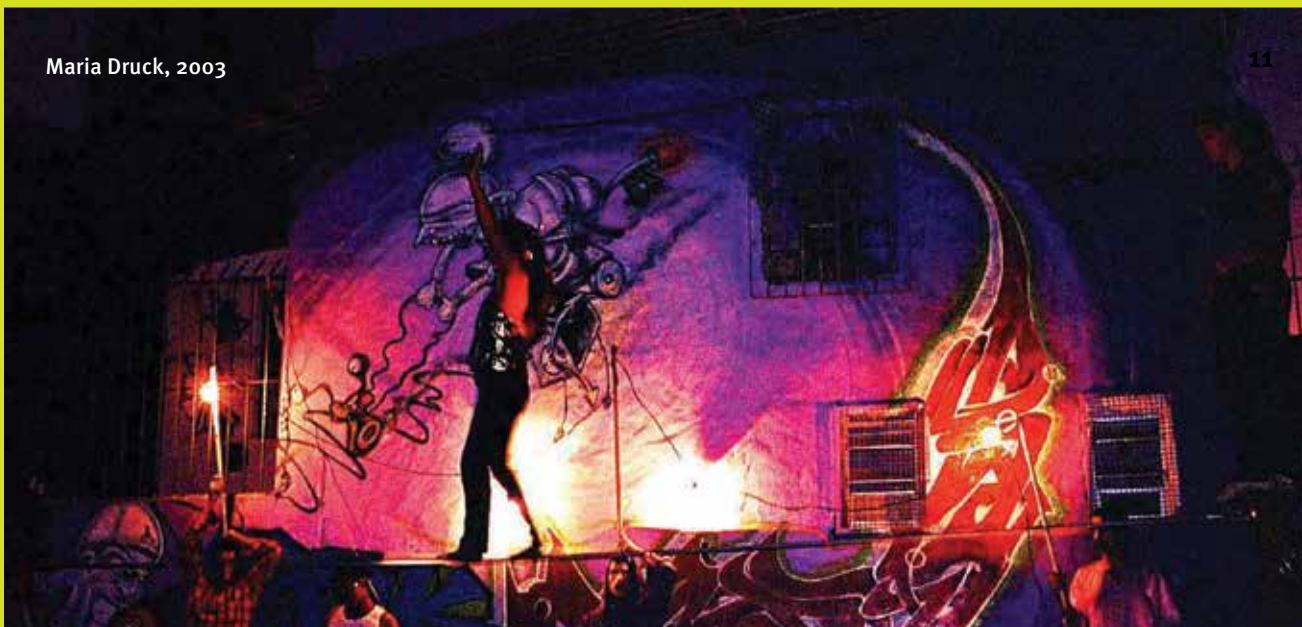
Após reunirmos todas essas entrevistas e o material gráfico, entramos na etapa da edição de arte, e conseguimos o artista gráfico que muito nos ajudou na materialização do livro! Fizemos uma grande seleção das fotos e entrevistas. Escrevemos alguns textos para dar linearidade ao livro. Ao final, não hesite em registrar também suas próprias lembranças sobre o CnB.

Agora vamos parar por aqui, já está na hora de o Palco Aberto terminar, o Cabaré com artistas convidados vai começar.

Assim como o Circo no Beco, algumas luzes da ribalta de nosso livro ainda continuam queimadas e só serão acesas ao longo do caminhar desses anos, ou, ainda, dentro da memória e imaginação de cada um... Convidamos todos vocês a entrar no fundo do Beco e conhecer um pouco mais desse lindo trajeto!

Giulia Cooper e Mafê Vieira

María Druck, 2003



CnB edição "Dia dos Namorados", 2011



Público no Beco, 2010



Guilherme Multisambafônico, 2010



Douglas Marinho e
Dudu do Circo, 2006



Beco, 2004



Encontro de Malabarismo, 2010

O espetáculo vai começar!

Dos registros de pessoas jogando malabares nas pirâmides do Egito Antigo, passando pelos grandes espetáculos gregos, pelo nomadismo cigano que espalhou-se pelo mundo, as primeiras trupes circenses e a chegada desses artistas ao Brasil, que ocuparam esquinas, praças e parques apresentando os mais variados números, faquires que ficavam dias sem comer, vendedores de pomadas milagrosas, contorcionistas e tantos outros que passaram o chapéu ao final de suas apresentações como forma de contribuição do público... Até o encontro entre amigos de diversas partes do mundo que, a partir de um sonho coletivo e um dia de chuva, decidiram realizar o primeiro espetáculo de variedades em um beco inteiramente grafitado, um tanto esquecido no coração da Vila Madalena, em São Paulo. E assim surgiu... O CIRCO NO BECO!

O circo ganha o mundo

Descrever como se desenvolveu a história do circo é um ato tão ousado quanto o de domar leões, fazer magias ou provocar o riso. Para que se possa encontrar uma definição exata de uma atração singular repleta de pluralidades, é necessário que se esqueça de fórmulas matemáticas e, tal como um contorcionista, se torne o mais flexível quanto lhe seja possível.

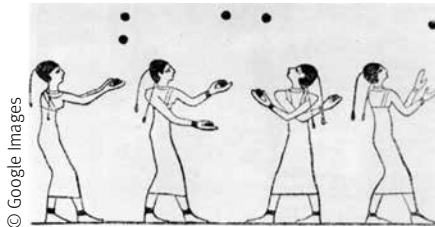
A arte circense faz parte de um universo que possui características de muitos lugares, povos e nações distintos. Por haver combinado em um só espetáculo diversas técnicas, não há como saber qual a verdadeira raiz de cada elemento que compõe o circo.

São encontrados registros de malabaristas nas pirâmides egípcias; números de contorção faziam parte de rituais sagrados na Índia; havia grandes espetáculos na Grécia... Diversas culturas influenciaram os espetáculos circenses. O que se sabe é que as variadas técnicas são encontradas nas mais distintas tradições.

Todo o saber foi transmitido oralmente, de geração para geração, passando de pai para filho. A oralidade é então um dos valores mais importantes dos artistas circenses. Os registros escritos começam a aparecer com mais força no século XX, quando acadêmicos, estudiosos, pesquisadores e artistas começaram a realizá-los.

O interesse por esse tema é relativamente crescente. Atualmente, é possível encontrar diversos livros e pesquisas acadêmicas sobre o tema. O que se busca com esses trabalhos é apontar em texto o valioso saber circense, que é oral por natureza. Por essa razão, há muitas divergências em relação a datas exatas, fatos e métodos; porém um ponto em comum é: a arte circense tem origens antigas em diversas culturas e povos.

Desde tempos imemoráveis que o circo ocupa um espaço privilegiado de entretenimento entre todas as suas formas de diversão. Entre feiras e praças de todo o mundo, saltimbancos, ciganos, vendedores de unguentos, acrobatas, mágicos, telepatas, equilibristas, entre outros seres fantásticos, sempre foram vistos mostrando seu trabalho, alegrando, encantando e trazendo mais brilho para os olhos dos que os assistiam.



© Google Images

Representação de malabaristas no Antigo Egito. Imagem encontrada na 15ª tumba na região de Beni Hassan e datada entre 1994 e 1781 a.C.

Os artistas circenses foram os primeiros a chegar às pequenas e grandes cidades, ocupando terrenos vazios ou a praça principal com sua arte e transformando o espaço urbano. Uma arte itinerante, a partir da qual os artistas abriram estradas, descobriram caminhos e percorreram o mundo todo. A arte circense sempre foi se atualizando ao longo da história, adequando-se a cada cidade por onde passava, incluindo fatos da época em seus espetáculos e aprimorando seus números.

Os palhaços, por exemplo, devem estar sintonizados com as músicas que tocam no rádio, os fatos da novela ou aquilo que faz parte da vida cotidiana de seu público. Tudo isso é importantíssimo para poder elaborar suas piadas e encher de risos a plateia. O riso nasce, portanto, dessa “troca de opiniões” crítica entre palhaço e público sobre o que acontece no dia a dia dos lugares.

O movimento dos espetáculos faz com que os artistas estejam sempre antenados com a sociedade, buscando agradar ao seu público. A arte circense sempre conteve dentro de seu espetáculo técnicas de dança, teatro e música. Eram os circenses que faziam tudo no show, construíam instalações elétricas, cozinhavam, pintavam placas para divulgar o circo, compunham músicas, subiam a lona, faziam segurança para números de risco, cada um tinha sua função e habilidade para que o espetáculo fosse realizado com perfeição.

A chegada ao Brasil

Assim como encontramos dificuldade em registrar a história e origem do circo no mundo, também é árdua a tarefa de dissertar sobre o momento exato da chegada desses artistas, pois há fontes diversas mostrando que o circo chegou ao Brasil em épocas variadas. Por não virem com contrato ou espaço fixo pré-agendado, os circenses se apresentavam em espaços abertos, praças e ruas do país. Apesar de alguns preferirem ingressar em espetáculos de variedades que ocorriam em espaços fechados, a verdade é que os teatros eram raros no Brasil do século XIX. Porém, relatos dão conta de que já havia artistas circenses no país séculos antes. Há quem diga que Diogo Dias fora o primeiro a praticar técnicas circenses, pois, segundo relatos de Pero Vaz de Caminha em sua famosa *Carta de achamento do Brasil* (1500), este interagiu totalmente com os nativos, fazendo-os rir e dançar.



Pinturas rupestres na Serra da Capivara (Piauí). Foto: Alice Viveiros de Castro/ Pesquisa Acrobatas na Pré-História



***Graffiti* nos muros próximos ao local onde é realizado o Circo no Beco, na Vila Madalena, em São Paulo, 2003**

Os ciganos saltimbancos ou mambembes foram fundamentais para a formação cultural brasileira devido ao seu movimento e à adaptabilidade com outras formas de cultura; a despeito do preconceito que havia, e ainda há, encontraram um ponto de culminância entre as diversas linguagens aportando para seus espetáculos as influências tanto indígenas, quanto africanas.

Números de contorção, malabarismo, acrobacias e até domínio de animais, que em muitos casos não eram conhecidos no Brasil, tomavam praças e parques para suas realizações. As ruas do país já eram ocupadas por artistas. Eram os famosos saltimbancos, que se adaptavam ao espaço, tempo, local, cidade e tudo aquilo que lhes era proposto. Isto é, não esperavam os enormes pavilhões para poderem trabalhar, se apresentavam onde havia espaço e iam aprendendo a cada show. Nas apresentações na rua, ao final, o público contribuía voluntariamente no chapéu do artista.

Em algumas cidades, não eram permitidas as apresentações em praças públicas. O poder público alegava que isso se devia ao risco que poderia ocorrer com os animais causando acidentes ao público. Apesar de os circenses continuarem se apresentando sem os animais, os espetáculos não tinham o mesmo impacto. Isso fez com que, aos poucos, fossem procurando locais fechados, em que a cobrança de ingresso na entrada fosse compulsória. Em alguns locais, porém, trabalhavam em troca de comida ou passavam o chapéu.

É importante salientar que a organização familiar está presente em todas essas formas de realização de espetáculos. É ela quem possibilita a transmissão de saberes, a estruturação e evolução dos integrantes dessa organização.

Utilizando o conhecimento tecnológico que já traziam do estrangeiro, além da imensa criatividade que os circenses possuem até hoje, criaram uma das primeiras formas de apresentação em espaços fechados: os **tapa-becos**. Qualquer espaço vazio na cidade, terreno ou beco, era tampado na frente e ao fundo com um grande pano, formando um espaço fechado. Dentro desse espaço, faziam um picadeiro circular, desenhado com uma corda. Em alguns havia também estrutura para números aéreos, construída com madeira. Os circenses dispunham de grande conhecimento para construir todos os aparelhos e equipamentos. Faziam tudo com muita cautela, pois o circo possui números muito arriscados.

Como os tapa-becos só eram fechados na frente e atrás, os espetáculos deveriam acontecer de dia, pois não havia iluminação, e também não haveria como fazer debaixo de chuva. Ainda não existiam as gigantes arquibancadas para o público se sentar, portanto este permanecia em pé, e quem queria levava uma cadeira de casa.

“No início do circo de tapa-beco, quando ‘a praça estava ruim’, a entrada ficava livre e lá dentro ‘corria o chapéu’ ou se trabalhava em troca de alimentação.”¹ Para viajar, levavam apenas algumas partes da estrutura, pois outras acabavam buscando em cada local que chegavam. Viajavam de carro de boi e também com os próprios cavalos que faziam parte do espetáculo.

Além dos tapa-becos, outras formas de realizar espetáculos em locais fechados foram surgindo, como o **circo de pau a pique**, que ainda não tinha cobertura e nem iluminação, somente um pano de algodão em volta, sustentado por uma estrutura de madeira. Também não havia arquibancada, e os circenses não viajavam com essa estrutura: deixavam-na no local, e algumas vezes era utilizada por outro circo que chegava. As estradas eram precárias, e não era possível chegar a todos os locais.

Outra forma surgida foi a do **circo de pau fincado**, que era construído dependendo das condições financeiras da família. Variava o material que tampava a volta do circo, podia ser de pano, zinco ou madeira, entre outros. Alguns até possuíam cobertura, parcial ou total. Também eram utilizadas arquibancadas, que abrigavam mais público e de modo mais confortável. Essa forma não eliminou

1 SILVA, Ermínia e ABREU, Luís Alberto de. *Respeitável público... O circo em cena*. Rio de Janeiro: Funarte, 2009; p. 124.

Varieté / Cabaré

No circo, os cabarés, *variétés* ou espetáculos de variedades são shows que juntam em um só espetáculo artistas diversos. Estes geralmente apresentam performances curtas, de até 15 minutos, e há um apresentador que realiza a “costura” entre os números. Os cabarés podem agregar artistas das mais variadas técnicas: circenses, dançarinos, cantores, entre outros. Foram inspirados em estabelecimentos populares da França do final do século XIX, na Belle Époque, que eram locais para entretenimento das camadas mais altas da sociedade, onde ocorriam diversos tipos de apresentações artísticas.

as outras duas, a tapa-beco ou a pau a pique. Os circenses iam sempre se adaptando ao que tinham, alguns ainda se apresentavam na rua quando era preciso.

A estrutura começou a se tornar cada vez mais permanente, o que fazia com que as famílias acabassem viajando com ela. Os circenses começaram a encerrar as coberturas de algodão com uma mistura específica, e que foi sendo aprimorada durante o tempo, tornando-as mais impermeáveis.

Foi também no circo de pau fincado em que surgiram as primeiras formas de iluminação, utilizando-se candeeiros e lampiões. Alguns já possuíam energia elétrica, porém, quando não, era necessário utilizar as outras formas de iluminação. Os artistas dormiam em barracas ao redor da lona ou conseguiam alugar casas.

Os circos foram crescendo, funções internas foram sendo definidas, como a do secretário, que chegava antes aos locais de apresentação, verificando um bom terreno e data para o espetáculo, observando como estavam as estradas e também lidando com o poder público.

O **circo americano**, muito conhecido até hoje, também foi tomando lugar no Brasil, onde as famílias começaram a utilizá-los e fabricá-los a partir de 1940. Antes, era fabricado somente nos Estados Unidos. Esse tipo de circo facilitou muito, pois a montagem era mais simples e ágil. Além disso, os artistas puderam utilizar outros aparelhos no espetáculo, trazendo novas possibilidades cênicas.

Vale destacar que, por mais que o circo que conhecemos hoje tenha passado por diversas transformações estruturais no decorrer do tempo, essas mudanças sempre levaram intrínsecos os conhecimentos ancestrais somados às culturas pelas quais passaram, o que fez com que cada circo, a seu modo, se tornasse uma forma peculiar de transmissão de conhecimentos aliada à inventividade de soluções para as situações mais adversas.

Com vocês, o Circo no Beco!

Um lugar, uma praça, a rua, um museu a céu aberto! Um esconderijo que foi descoberto, primeiro dentro de seres humanos livres (saltimbancos por natureza) e depois nasceu para a grande São Paulo e, posteriormente, para o resto do país. E

segue crescendo, em direção ao resto do mundo; até hoje, no anseio de ser algo feito pelas pessoas e para as pessoas.

Circo no Beco é o nome dado para um espetáculo que foi iniciado em 2003 por artistas de rua, malabaristas e circenses, pessoas que estavam cansadas de fazer a mesma cena/função/roteiro nos semáforos da cidade e também não encontravam espaço para se apresentarem entre os já consagrados grupos e teatros paulistanos. Dessa forma, resolveram buscar um lugar para elaborar um modelo incomum de espetáculo, chamando-o *variété* ou cabaré. À semelhança com a história do circo, recuperaram os **tapa-becos**, demonstrando adaptabilidade e adequação ao local.

No decorrer desta pesquisa, conseguimos conversar com diversas pessoas que foram responsáveis pela fundação do Circo no Beco. Relatos emocionantes dos protagonistas dessa história, que nos contam, após dez anos, porém mantendo a mesma excitação do início, como se deram as primeiras reuniões e espetáculos. Tentamos organizar, a partir desses relatos, uma forma de conhecer como se deu a descoberta do Circo no Beco.

Relato de Duico Vasconcelos, o palhaço Pistolinha, de como foi o encontro com o espaço e com quem já o habitava

“(...) Em um dia de chuva, dois malabaristas param bem em frente à casa do Projeto Aprendiz (ONG responsável pela administração do local) para se abrigar, e, como estavam lá mesmo, resolveram entrar para conversar e propor sua ideia. Nem precisa dizer que o projeto foi aceito de pronto e uma reunião urgente foi marcada com as pessoas interessadas, já que o primeiro espetáculo se daria dali a duas semanas.

Foram realizadas reuniões em uma casa ali mesmo, na Vila Madalena, onde moravam três malabaristas, e onde fora definido o nome do espetáculo – CIRCO NO BECO –, bem como a forma em que ocorreriam as apresentações.

Em 27 de março de 2003, dia do Circo no Brasil, foi realizado o 1º CIRCO NO BECO...”

Relato de Gaston Sanchez, que atualmente vive em Barcelona e foi um dos fundadores do CnB

“Em 2003 viajei a São Paulo (...). Encontrei-me com muita gente linda: Rodrigo, Joe, Markiño, Paula, Adrian, Leda, Marco, Nacho Noche, Duico, Du Circo, Maria... Alguns treinavam na Academia OZ e outros apenas eram amantes do circo e das artes.

O Circo no Beco nasceu da necessidade de muitos de nós de mostrar/expor/compartilhar nosso trabalho. (...) Começamos a nos organizar. Preparamos o espaço, limpamos, ordenamos, instalamos luz e nos autogestionamos.. Fico muito feliz em saber que o Circo no Beco segue funcionando tantos anos depois que muitos amigos passaram por aí! Felicidades por muitos anos!”



Algumas questões foram tratadas nessa reunião prévia, marcada com urgência, antes que ocorresse o primeiro espetáculo, e um dos fundadores do CnB, Rodrigo Pereyra, feliz em saber que essa história estaria sendo registrada neste livro, nos deixou seu divertido relato em contribuição a esse material.



Rodrigo Pereyra e braços do
Esteban Hetsch, 2003

Relato de Rodrigo Pereyra sobre a reunião que antecedeu ao primeiro espetáculo do Circo no Beco, em 2003

“Parece-me incrível que o que começou há dez anos, como uma iniciativa de um grupo que buscava principalmente uma desculpa para se juntar e ‘fazer algo’, acabou ganhando um corpo, perdurando tanto tempo e merecendo, inclusive, o reconhecimento da Funarte.

Sobre o que o Beco acaba sendo, a quantidade de artistas que se apresentaram ali, seus espetáculos, de quanta gente que se iniciou nesses cantos. Desde esse beco praticamente intransitável, se pôde reivindicar a arte de rua como um espetáculo digno. Creio que devem atentar-se a quem deu continuidade a este projeto, quem fez dessa iniciativa maior, quem fez crescer (e cresceu) com o Beco. A todos eles, em boa hora, espero que em algum dia nos encontremos ou reencontremos aqui ou acolá.

O que eu posso contar é como se gestou o Beco e suas origens, pois fui testemunha de tudo em primeira pessoa. E por que não dizer? Também desempenhei algum papel...

A questão é que o Beco estava ali, com todos seus *graffitis* e tudo, há duas quadras de onde morávamos... Um dia estava com Gaston [Ricardo Gaston Sanches] em frente ao Beco e ele me diz:

– Aqui se pode fazer algo...

E eu:

– Não sei, por aqui não passam pessoas...

E ele:

– Nós vamos buscar...

E eu:

— Teríamos que pedir permissão, não?

Alguns dias mais tarde, nos encontrávamos comendo em um restaurante na rua Alves Guimarães e comentando o que nos incomodava em não encontrar o ‘jeito’ de trabalhar na rua em São Paulo.

Mas o que nos apetecia fazer era um espetáculo popular, fresco, onde fôssemos nós que decidíssemos como, quando e por quê.

Da onde estávamos podíamos ver a porta do local do Projeto Aprendiz, então Niki Launcha me diz:

— ‘Che’, e se vamos e pedimos permissão?

Fomos.

Fomos, falamos, nos receberam bem, o ‘Frete’ [Jorge Gonçalves Pereira, carroceiro que tinha como apelido o seu veículo de trabalho — BMW], que era um trabalhador do projeto, se colocou à nossa disposição e meia hora mais tarde, enquanto voltávamos para casa, fomos nos dando conta de que o que se havia posto em movimento podia ser muito grande.

Quando começamos a contar a Esteban Hetsch a conversa que tivemos com a diretora do Projeto Aprendiz, passamos a definir o que queríamos fazer, de maneira intuitiva, porque ninguém havia se posto a pensar o que queria exatamente, o curioso é que em pouco tempo foram chegando Duico Vasconcelos com Marquinhos [Antonio Marcos Pires Gil], que voltavam do trabalho no farol, Marcos e Paula [Cia. Zirkacid], que nos visitavam diariamente, e não me lembro de quem mais, todos se uniam automaticamente à discussão. Já não me lembro bem do que falamos, mas falamos durante muito tempo e chegamos a algo:

- Que o Beco, por estar na rua, teria que ser um espaço que reivindicasse os espetáculos de rua;
- Que devia ser um espaço aberto, onde tivessem oportunidade não só os espetáculos de rua, mas qualquer artista que quisesse utilizar esse espaço;
- Que, se fosse acontecer num espaço aberto, não podia nascer limitado pelo pequeno grupo que estava reunido, senão que, antes de seguir avançando, devíamos fazer uma reunião com aquelas pessoas

Aprendiz

Fundada em 1997, a **Cidade Escola Aprendiz** tinha como preceito a ideia de que as mudanças sociais tinham que começar dentro do próprio bairro. Realiza variados projetos sociais que começaram com um site, “com uma redação-escola para alunos de escolas públicas e privadas, que se propunha à disseminação de temas relacionados à educação para a cidadania”, como diz Rubem Alves no livro *Aprendiz de mim — um bairro que virou escola* (Papirus, 2004).



Desenho de uma aluna de Projeto Aprendiz que retrata o Circo no Beco

que nos parecia que por alguma ou outra coisa estariam interessadas em compartilhar conosco essa experiência para definir entre todos como se daria o funcionamento do Beco.

Felizmente, entre os reunidos, tínhamos conhecidos entre as escolas de Circo OZ e Picadeiro (a maioria das pessoas treinava em uma ou outra, ou então nas duas), a Nau de Ícaros (onde íamos aos encontros de malabares e assistíamos a algum curso pontual), a Central do Circo (onde assistia as aulas de circo do Sandro e o ajudava com os malabares), além de outros conhecidos que trabalhavam por conta própria.

Foi surpreendente a resposta que tivemos: a todos os convidados parecia interessante, sobretudo quando (o que mais nos assustava dizer) confessamos que intencionalmente não havíamos definido nada.

— Tem um espaço, temos vontade de fazer algo, nos juntamos e vemos no que dá?

A primeira reunião

Foi uma loucura...

O apartamento onde vivíamos tinha uma sala minúscula, a porta para o corredor estava fechada, porque a reunião teve que ser às altas horas da noite para coincidir com a agenda de todos... As pessoas se aglomeravam para poder enxergar a todos... Éramos muitos, e parecíamos mais...

Não sei se esqueci alguém, ou coloquei alguém que não estava presente, mas creio que estávamos: Duico e Marquinhos (na época tinham o grupo Tentáculos), Marcos e Paula (Cia. Zirkacid), Joe, Esteban, Gaston, Sandro, que trouxe Emanuela e Sandra, que acabaram sendo fundamentais sobretudo no começo, contribuindo com um pouco de sanidade a essa loucura toda, Du Circo, que sempre esteve envolvido (e creio que está) com tudo o que está relacionado com circo em São Paulo e desde o primeiro momento abraçou a ideia, Adrian Pagliano, Maria Druck, Tum Aguiar e Marian Del Castillo (a primeira fez um número de arame com sua parceira, e as outras duas, aerelistas, tiveram que esperar bastante para poder se apresentar, apesar de que apoiaram a 'parada' desde o primeiro momento).

Num total de umas 20 pessoas amontoadas num apartamentinho na Vila Madalena, pensamos em:

- Fazer do Beco um espaço aberto para poder apresentar números;
- Ser um espaço dinâmico onde as pessoas pudessem se integrar em qualquer momento, no qual ninguém seja imprescindível;
- Fazer um 'circo no beco', mas que não possuíamos nada (som, luzes, aparato técnico);
- Seria realizado a cada 15 dias (nem todos poderiam participar do primeiro) e, para garantir espaço a todos, quem tivesse se apresentado no primeiro cederia seu lugar a quem quisesse atuar no seguinte;
- Os números não poderiam ser repetidos;
- Seria passado o chapéu, não só pelo desejo de arrecadação monetária, senão para reivindicar a arte de rua, não somente como arte, e sim como profissão para passar a mensagem de que a arte de rua tem um valor intrínseco, independente de se manifestar num museu, num circo ou mesmo na rua.

O primeiro Circo no Beco

Foi outra loucura, nada de equipamentos, nada de luzes, nada de verba, somente uma vontade muito grande de fazer coisas.

Começamos o espetáculo no fim da tarde, já adentrando a noite, iluminávamos com tochas e corríamos de uma ponta do Beco a outra com uma fita cassete e metros e metros de cabo; assim mesmo tudo foi um êxito (ou pelo menos não tivemos que lamentar nenhuma desgraça humana, o que já é o bastante para agradecer).



**Elenco do primeiro
Circo no Beco, 2003**

O que é o Circo no Beco

“Perguntinha difícil, né? Eu vejo que é um grupo amorfo com algumas pessoas que mantêm a fogueira quente. O **Circo no Beco** é mais como um projeto que se insere num movimento que é maior que ele. Reúne pessoas interessadas na arte, no circo, na rua, na ‘democracia’ (não me agrada muito o termo, mas é o melhor que encontro para comunicar nesse caso), na bagunça... Reúne essas pessoas todas e as coloca com a mão na massa, e da ação de uma porção de apaixonados dispostos sai um espetáculo que atualmente é mensal e tem algumas características específicas, mas que não são fixas... O Circo no Beco é um projeto que acontece num espaço fixo, mas que tem escancaradamente um trânsito de ideias com fluxo intenso... É um projeto que depende da demanda e acontece efetivamente porque a demanda existe e as pessoas se mobilizam. São tantas coisas, meu Deus!!!!”

Emanuela Helena

Atuaram Joe e Niki Launcha com um número de Dandy’s, Maria e Vanderleia com um número de arame que deu o tom ‘clássico’ e distinto do espetáculo, Du Circo, com malabares, fazendo uma entrada épica com uma minúscula bicicleta e uma bomba ninja que lhe custou uma contusão, Pistolinha e Petecada (Duico e Marquinhos) representaram um número em que Bin Laden enfrentava o Superman (dois super-heróis dessa época), Smoking’s (um combinado que montamos com Adrian, Marcos e Gaston, especialmente com Niki Launcha), e um menino chamado Paulo César (PC), que não sei bem como apareceu, mas apresentou um número de equilíbrio em uma corrente que nos deixou boquiabertos, e somou ao primeiro Beco o espírito *street* que correspondia a um cenário com essas características.

Dos meandros dos demais números, não me recordo muito bem, mas sim o que me lembro é o que fizemos com os meninos e o que quase nos aconteceu (não são todos os dias que uma pessoa tem a oportunidade de quase morrer abraçado em tão boa companhia);

Foi assim:

Debaixo do Beco corre um braço de rio entubado (ou pelo menos foi o que me disseram), comunicando-se ao tubo uma grade bastante grande que se encontra no solo do Beco, abaixo das grades tem um quadrado que uma pessoa pode estar ali de pé meio agachada; nossa ideia era que, vestidos de exploradores de minério, nos esconderíamos sob a grade, e o público acima, estrategicamente; voluntários se situaram entre o público, que no momento indicado afastaram as pessoas para os lados para poder começar.

Então Marcos cuspiam fogo debaixo e depois, cobertos de fuligem e com as tochas nas mãos, íamos saindo um a um.

O que não me alertaram é que ali embaixo também viviam muitos ‘animazinhos’ (aprendemos a sempre jogar uma tocha acesa para espantar os roedores) e que o rio cresce.

No dia da estreia o rio cresceu, não o suficiente para deixarmos de entrar debaixo da grade, mas sim o necessário para que tivéssemos que ficar todos no pequeno quadrado e utilizar o espaço de maneira que tínhamos que apoiar

o pé em cada lado do quadrado (só cabiam três pés); era uma loucura... Só conseguíamos apoiar nossos pés à medida que pisávamos no pé do outro além de cada um ter que apoiar uma das mãos para manter o equilíbrio e fazíamos uma espécie de cruz.

Para ficar ainda mais engraçado, creio que Adrian tinha que segurar as 12 tochas para que os demais conseguissem subir e, como ele também precisava de uma mão para poder se equilibrar, não podia colaborar (e Marcos tinha que cuspir fogo!!!). As pessoas foram subindo e, enquanto se levantavam, acendemos as tochas e juntamos todas num ponto médio (mas cada um segurava a sua), e a coisa começou a esquentar. Acima de Marcos (e de todos), começamos a rir e fazíamos sinais de que assim Marcos não conseguiria cuspir fogo; depois de um momento de incerteza, Marcos colocou o combustível na boca, nos agachamos como pudemos (muito menos do que estava programado e do que aconselha o senso comum) e ele cuspiu um considerável sopro de fogo que desde fora se viu como uma explosão e desde dentro... Também.

Mais carbonizados e cheios de fuligem do que era previsto fomos saindo do Beco.”



CnB 5, 2003

Nesse crescente de ideias criativas e pessoas interessadas, um universo distinto foi criado, transformando a cidade de São Paulo, e mais precisamente a Vila Madalena, num dos pontos conhecidos pelos espetáculos circenses de rua organizados por pessoas que ousaram fazer diferente.

Formatos

O **Circo no Beco** engloba primeiramente três coisas: espetáculos realizados no espaço praça-beco pelo coletivo que o organiza; os encontros semanais de malarbarismo e o Festival de Circo e Espetáculos de Rua. Essas três ações ocorrem no mesmo local, que também é conhecido como “Circo no Beco”. Vamos explicar cada uma dessas ações.



Circo Amarillo, CnB 5, 2003

O espetáculo e suas edições

“Circo no Beco” é o nome dado a um espetáculo de variedades que engloba três momentos que estão descritos a seguir. Após a primeira edição, em 2003, o CnB teve edições mensais nos primeiros anos, e algumas vezes até quinzenais. Não há uma regra que diz quando deve acontecer uma edição do CnB, quem decide é o grupo que está à frente na época em que é realizado. A vontade desses artistas fundadores de encontrar um local para se apresentar era tanta que a maioria das edições concentrou-se nos primeiros anos. Cada edição do CnB é única, na qual o coletivo organizador convida artistas dos mais variados estilos para compor o espetáculo. Os espetáculos do CnB podem ocorrer qualquer dia da semana, inclusive dentro do Encontro Paulista de Malabarismo, às segundas-feiras. Já ocorreram mais de 60 edições.

Palco Aberto

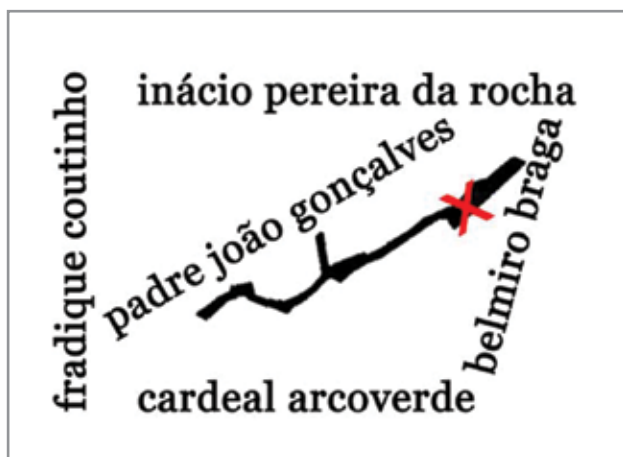
Espaço onde o público tem a oportunidade de se apresentar enquanto aguarda o espetáculo pré-agendado. Conta com um apresentador convidado (diferente daquele que apresentará o CnB em seguida), que trará números da plateia, onde algumas vezes são oferecidos prêmios. Esse apresentador deve estar atento ao público, e saber a hora de fazer seu próprio número, para com isso conseguir incentivar as apresentações dos espectadores. Marca o início do espetáculo, quando o público ainda está se aquecendo para a próxima fase.

Cenário “Descotidiano”
(Cia. do Relativo), 2013



Cabaré de Variedades

Há um apresentador que faz a “costura” e apresentação dos números. Geralmente o espetáculo conta com uma média de oito números, e em muitos casos é itinerante, ou seja, ocupa não só a praça de entrada, como também o fundo do beco, onde, conduzido por um apresentador, o público é levado a assistir aos números em diferentes espaços. A princípio, os espetáculos eram temáticos. Esses temas eram debatidos e escolhidos em reuniões prévias, e os organizadores muitas vezes decoravam o espaço, criavam números para o tema, ensaiavam bailados de abertura, entre outras iniciativas.



Mapa que indica como chegar ao CnB

Encontro Paulista de Malabares (ENPAUMA)

Ocorre no mesmo “bat-local” dos espetáculos, porém, esse dia é mais destinado ao treino, não isentando a possibilidade de haver espetáculos, como tem ocorrido nos últimos anos. A escolha do dia é porque no mundo artístico circense, segunda-feira, tem-se o dia de folga. O evento acontece desde 2003 todas as segundas, das 18h às 22h.

Banda

Nas primeiras edições do CnB, também havia uma banda para encerrar o espetáculo. São convidados músicos que tenham algum aspecto em comum com a proposta oferecida por esse evento, e que favoreça a arte de rua e seus meandros. Esse é o momento no qual artistas e público interagem e têm a possibilidade de trocar ideias, informações, truques, paqueras e, para os mais faceiros, até uns beijinhos... Atualmente, não acontecem apresentações de banda após os espetáculos, devido ao fato de o barulho incomodar a vizinhança. Mesmo assim, diversas bandas aparecem no Encontro Paulista de Malabarismo para fazer um som ao vivo.



Festival de Circo e Espetáculos de Rua (FECER)

O FECER teve sua primeira edição no aniversário de três anos de existência dessas duas formas de Circo no Beco explicitadas anteriormente, e, pensando num amadurecimento artístico, optou-se em criar mais uma novidade.

Foram cinco edições do Festival, e mais de dezenas de grupos circenses já passaram pelos palcos do Beco. As cinco primeiras edições do Festival de Circo e Espetáculos de Rua duraram de três a cinco dias e traziam grupos de diversas partes do Brasil, e também de fora do país, onde todos se apresentavam pela contribuição ao chapéu. Parte se destinava à manutenção dos equipamentos e afins que são de usufruto do Circo no Beco.

Desde 2012, os Festivais tomaram outro formato e não levam mais o nome de “Festival de Circo e Espetáculos de Rua”; em 2013, aconteceu com outro nome: “Festival CnB 10 anos”, e ocorreu às segundas-feiras nos encontros de malabares, mas sempre com a iniciativa de “entrada ao chapéu”.

A importância do chapéu

O Circo no Beco tem também como princípio promover a ideia do que é e como se mantém a arte de rua, fazendo do **chapéu** um meio de arrecadar fundos, ou seja, todo, ou parte do dinheiro colocado no chapéu, é dividido entre os artistas e a produção, que guarda o valor em um “caixa” a ser revertido para as próximas edições.

Esse valor recebido no chapéu é destinado à manutenção dos equipamentos de luz e som utilizados durante as apresentações, bem como para a compra de lanche para o camarim dos artistas.

A elaboração e produção desses espetáculos contou, e ainda conta, com a disponibilidade e parceria de pessoas interessadas em divulgar a arte de rua, as artes circenses e os diversos tipos de arte que são englobados nesse aspecto, como música, dança e teatro.

Pra encerrar: o chapéu!

Em 2005, Emanuela Helena, então integrante do Circo no Beco, escreveu um texto que reflete muito bem a visão que se tem do trabalho dentro do núcleo de produção do CnB.

Nada mais adequado para fechar este primeiro capítulo, portanto, do que “passarmos o chapéu”...



Joséfa Iskándara,
2013

O CHAPÉU

Emanuela Helena

Caramba! A corda no pescoço e a palavra na corda bamba. O chapéu. Eita coisa difícil de explicar! Mas, difícil por que, oras? Só porque estamos num Brasil onde os investimentos na cultura ficam muito aquém do mínimo desejável? Nada... Pra tudo nesse mundo basta bom senso e boa vontade. Vamos lá. Começando bem do simples, pois não quero fazer discurso de frases bonitas. Todavia, não pretendo me furtar de nenhuma explicação visando à mera objetividade. Vou explicar tim-tim por tim-tim para que as pessoas, tanto as muito inteligentes como as nem tanto, possam entender, assimilar e aprender a valorizar a arte de rua e o que aqui queremos explicar — esse fenômeno que denominamos: a **cultura do chapéu**.



Cortina CnB, 2004

Para facilitar o entendimento geral, dividi o denso assunto em quatro tópicos:

1. O que é um chapéu?
2. Por que os artistas são importantes para a sociedade?
3. Quanto vale o show?
4. Conclusão geral total para compreender de vez!

1. O que é um chapéu?

Um chapéu é um objeto com aba, corpo (ou copa) e buraco no meio que é usado para cobrir a cabeça das pessoas com diversas finalidades. O.k., então vejam nossa primeira ideia: o chapéu cobre a cabeça das pessoas. Então, ele guarda o conhecimento, a sabedoria; ele está ali juntinho com as ideias, conhece as criações mirabolantes antes mesmo delas tornarem-se reais, o chapéu esconde a razão e a loucura das pessoas, protege os pensamentos, compartilha os sonhos. Quantas coisas cabem num chapéu? Pergunte a um mágico! Obterás infinitas respostas! Muitas coisas entram e saem dos seus chapéus, coisas que aparecem e desaparecem. Já por aí o chapéu é um algo curioso, um objeto mágico e poderoso que pode ser usado com diversas finalidades, entre elas a de adorno cênico, figurino, fantasia...

Ó, mas que peça interessante essa que eu posso sacar das minhas ideias para fazer sair e entrar coisas! Quantas coisas cabem num chapéu? A minha vida cabe num chapéu, a minha família, a minha arte, a minha fé cabe num chapéu. Todos os nossos sonhos cabem num chapéu.

Devo confessar que a ideia não foi nossa, é uma ideia antiga. Foi alguém há muito tempo que teve a ideia de compartilhar sua arte e seu sonho com os transeuntes, os avisados e os desavisados e esperar destes um reconhecimento para sua sobrevivência, para sua subsistência, para sua vivência, para seu pão, sua casa, sua luz e sua continuidade. A vida se alimenta de sonhos, de maravilhas, de vontades... A cultura e a humanidade precisam de arte, de delírios... O estômago não, o estômago tem fome de matéria, comida de verdade.

2. Por que os artistas são importantes para a sociedade?

Um povo sem cultura, sem história, sem a sua identidade não se conhece; não enxergando seus próprios conflitos, não tem como evoluir. Além do fato de que um povo deve ter visão de futuro e muitas vezes não consegue olhar para si e prever-se no futuro. A Arte faz tudo isso!

O artista é aquele que se dedica às artes e/ou que faz delas profissão. Artista é aquela pessoa que revela sentimento artístico, demonstra engenho ou talento no desempenho de suas tarefas, desenvolve habilidades especiais para se exibir, se mostrar, entre tantas outras características. Cada vez que nos referirmos a artistas, falaremos daqueles que produzem efetivamente, com seu próprio corpo e através de instrumentos como a música, a literatura, a pintura, o teatro, algo que represente a arte e a identidade de algum grupo ou de alguém. Esta arte que interfere e interage com a sociedade; que, de alguma forma, marca presença com a sua existência, seja representando valores presentes no seio de determinada sociedade, seja criticando esses valores ou formulando novos, renovando-os. Falamos daqueles que se dedicam integral ou parcialmente à produção de algo que inevitavelmente escapa das mãos de seus próprios autores. Mesmo que atualmente a arte possa ter sido travestida de mercadoria, trata-se de uma produção que, assim como tudo que surge e ocorre no dia a dia das sociedades, porém mais explicitamente, só é e só pode ser compreendida de acordo com seu contexto. Levemos em consideração que o artista é um indivíduo e carrega seus interesses individuais perante a universalidade de seu povo.

A arte, assim como a religião e a ciência, são formas de transcender os limites do inexplicável. E o artista pode ser compreendido como aquele que consegue, através das limitadas ferramentas de que dispõe, exprimir algo que vai além do campo físico, sensitivo. As obras de arte são, portanto, uma representação da união entre o particular e o universal, como um fator histórico, determinado por seu contexto e espírito, que eleva o povo a ideias universais. Um artista pode ser visto como um grande homem, aquele que enxerga o princípio universal e o traduz com sua arte. Assim, o povo se reconhece e se



Panfleto CnB 46, 2008



Emanuela Helena,
CnB 12, 2004

identifica com aquela obra. Mas um povo se identifica com determinada obra de arte se ele se enxerga nela, se identifica nela algo de seu. O artista é aquele que sabe traduzir essa identidade geral. Além disso, através do conhecimento daquilo com o qual se identifica, um povo – ou indivíduo – passa a se conhecer ainda mais. Explicando melhor, digamos que quando alguém se reconhece em determinada obra de arte ele está se reconhecendo e conhecendo a si próprio.

A questão fundamental, a função e o papel do artista parecem dessa forma dissolver-se na ideia de que a existência do artista se faz pela necessidade de traduzir, identificar e, de certa forma, resumir o princípio de seu povo. Além de construir visões de mundo futuras, que seu tempo ainda não enxerga. A sua arte é ferramenta de identidade e de construção da mentalidade. E o artista existe porque o reconhecem, em algum momento, por sua obra. Ao mesmo tempo em que ele reflete, concretizando a identidade já existente, ele conscientiza e esclarece essa identidade, fazendo com que os passos no caminho da meta de uma sociedade se adiantem. Pois ele mostra os passos que já foram dados e propicia a continuidade no caminho.

3. Quanto vale o show?

Um show de rua, como o que é apresentado no Circo no Beco, requer reuniões semanais, logística, divulgação, infraestrutura, iluminação, administração, organização, produção, enfim... Envolve em média 25 pessoas por espetáculo, chegando a mais de 40 em alguns. Pessoas que trabalham porque acreditam no projeto, porque compartilham do sonho de querer ser devidamente reconhecidas e valorizadas.

Assim, fácil: eu, artista, lhe digo o que quero dizer da forma mais bela, mais linda, mais tecnicamente bem executada. Ensaio meses, anos e anos, horas a fio para lhe transmitir com perfeição o que a condição humana me permite, aquilo em que eu acredito e você, espectador observante, ser pensante participante, consciente de que eu também preciso procriar a minha laia, deposita o seu reconhecimento, a sua parte, a sua responsabilidade, a sua gentileza, seu respeito, deposita sua educação, sua possibilidade, deposita alguma fé na minha ideia. Deposite alguma matéria no meu chapéu.

Gostou da ideia, gostou da criação, então aposte nela, pois ela só irá crescer se for regada, adubada e fomentada. Demonstrar o gosto e reconhecer o valor de um artista não se opera somente no campo verbal e filosófico, é preciso trazer à prática, agir, pague o que acha que vale! E aqui não estamos falando de qualquer artista, mas de alguns que optam pela liberdade de dizer o que se sente, acredita e pensa, daquele que optou por equilibrar-se sobre a tênue linha da insegurança ao invés de encontrar-se seguro e comprometido com um discurso que não é de sua autoria, que não lhe pertence. Artistas que não se subjugam às necessidades mercadológicas, mas que vivem neste mesmo mundo cão capitalista selvagem pós-contemporâneo – do instante milésimo de segundo que ainda vai chegar e já não é seu, *plim-plim*.

Resumido: o show não vale hipocrisia, gostou? Valorizando com retorno de valor real. Me exauri de escutar dos engraçadinhos: “Não tenho trocados!”. Ah, não tem trocados? Pois muito bem, eu ensaiei, me preparei por bastante tempo, escolhi um figurino, uma música, ensaiei mais, vim aqui, trabalhei para montar tudo, me preparei me concentrei, fui e me apresentei por inteiro, com o melhor de mim! Eu, e outras pessoas também, e você se tiver coragem de me dizer que não tem trocados, por favor, seja bem-vindo sempre, mas pense em respostas menos ofensivas para dizer que não quer contribuir com a (minha) arte. Se lhes apresentássemos sobras, esperaríamos trocados... Mas fazemos o melhor possível para realizar um show com qualidade e *esperamos reconhecimento*. Quanto se gasta para ir ao teatro? Quantas megaproduções por aí não cobram os olhos da cara para que as pessoas possam entrar para assistir?

4. Conclusão geral total para compreender de vez!

Depois de explicações práticas e filosóficas e de um discurso: por favor, também precisamos de grana. Só vou esclarecer mais algumas coisas bem simples. O Circo no Beco não recebe patrocínio financeiro de nenhuma instituição, temos apoios, poucos. O Projeto Aprendiz nos permite utilizar o espaço do Beco e da casa nos dias de apresentação. A Central do Circo nos disponibilizou espaço para realizarmos as reuniões semanais e os amigos em geral cola-



Coletivo Nopok, 2007



Emanuela Helena, 2004

boraram com a divulgação dos espetáculos. A Cia. de Estripulias, na figura de seu ilustre fundador Gilberto Caetano, nos cedeu a trave para apresentação de números aéreos. Todo o material de iluminação que temos hoje foi comprado com o dinheiro arrecadado do chapéu durante o ano de 2003, a aparelhagem de som utilizada no espetáculo é do Duico, nós consertamos uma potência que ele tinha e hoje a utilizamos nas apresentações. E para tudo vamos nos virando, que ninguém é quadrado. O projeto começou sem nenhum centavo e por isso temos muita fé. Mas nem por ter fé que queremos viver na pindaíba todo o tempo, né?

Então, por que não cobramos ingresso? Porque dentro da ideia do projeto existe a vontade de democratizar a cultura, ocupando espaços públicos — aquele beco e aquela praça, apesar de estarem sob responsabilidade do Projeto Aprendiz, são espaços públicos. Democratizar a arte também permitindo acesso a todos, pois nem todos têm como pagar, verdadeiramente, mas todos têm direito a ter algum entretenimento de qualidade. Então, esperamos que de boa vontade aqueles que têm disponibilidade de pagar para assistir um bom espetáculo, que paguem, e os que não têm, que assistam mesmo assim. Acreditamos mesmo no bom senso. Sabemos que precisamos do público que justifica nossa existência, e respeitamos todos, sem discriminação. Sejam todos sempre bem-vindos. E sempre que puderem, contribuam com o chapéu, não com esmolas, com reconhecimento.



Rita Masini passando o chapéu, 2007



Duico Vasconcelos e
Antonio Marcos Pires
Gil, 2010



Reunião Circo no Beco, 2010



Joe Moura e Gastón
Sanchez, 2003



Leda Lorenzo e Paulo
Andringa, CnB 2, 2003

Aplausos!

A partir de algumas prosas feitas durante esta pesquisa, muitos reencontros e novos encontros aconteceram, resplandeceram e fizeram com que surgissem muitas histórias complementando uma só, a do Circo no Beco — um movimento que se criou quando não havia muitos meios onde se pudesse imortalizar a história, como fotos digitais, vídeos e todas essas parafernâlias que hoje não vivemos sem. Tudo isto está registrado neste bloco da forma mais verídica possível, contado por quem viu, viveu e que agora pode compartilhar conosco! Desfrutem!



Duico Vasconcelos e Antônio Marcos Pires Gil, 2003



Sandra Nunes, Antônio Marcos Pires Gil e Emanuela Helena, 2005

Antônio Marcos Pires Gil



Paulista, nasceu em 1981. Artista circense (palhaço, malabarista e acordeonista) e produtor cultural (editor da revista *Palco Aberto* e colaborador de diversos eventos como o Circo no Beco e a Convenção Nacional de Circo). Quem levantou o pano de roda pela primeira vez para ele entrar no circo foi o malabarista Prego Lins. Trabalhou no Marcos Frota Circo Show, Circo da Arabia e Academia Brasileira de Circo. Atualmente trabalha com a Cia. Irmãos Becker. É hexacampeão da categoria informal de monociclo na Maratona Internacional de São Paulo e duas vezes segundo colocado. Inicia um grande projeto de ocupação circense em Embu das Artes.

Vocês viviam só do dinheiro do chapéu (quando começaram a se apresentar na rua)?

(...) O chapéu está intrínseco ao trabalho na rua mesmo a gente não tendo muitos exemplos. Quando a gente começou a fazer roda, eu nunca tinha visto uma roda parecida à que eu fiz. A arte de rua com o circo é muito rentável, comparada a outras que eu conheço, teatro na rua, por exemplo. Sempre foi muito sedutor o chapéu porque sempre vimos cifras altas, tivemos a influência de bons artistas que ganhavam bem na rua, então sempre vimos o chapéu funcionando.

E qual a importância do chapéu na sua vida?

(...) A importância do chapéu na minha vida é ser profissional de uma forma autônoma, não trabalhar pra alguém ou pra uma empresa.

Muitas pessoas citaram você como um dos responsáveis a manter o Beco fluindo hoje em dia. Como você vê essa função?

É uma função que eu gosto muito de fazer, e não tem nada certo no Beco, um líder, e pela ausência, por não ter, eu acho que sempre cumpri essa função. E fui aceito, de certo modo, por ocupar essa função.

E como você descreve essa função atualmente?

A minha função atualmente é deixar o Beco quente em banho-maria, não fritando ele. (...) Vejo que a minha função é deixar ele quente como tá, convidar grupos, toda segunda-feira, realmente eu me dedico toda segunda-feira, vou lá quando tem

apresentações. Porque eu vi que não tem pressa pra crescer. (...) Porque eu tenho essas ideias mirabolantes, de transformar o Beco numa profissão mesmo, porque é um trabalho profissional que a gente faz, mas não é a primeira profissão de ninguém o Beco. Eu queria ser um produtor como se o meu primeiro trabalho fosse o Circo no Beco. Se me perguntassem: “Onde você trabalha?” “Trabalho no Circo no Beco”.

Qual a importância dessa função?

Eu gosto de ter a ideia que se eu não fizesse alguém faria o que eu faço, então eu não sou importante, mas em muitos momentos eu vejo que não tem ninguém, então se eu não estivesse talvez não acontecesse... (...) Modéstia à parte, sei que ninguém é insubstituível, eu acho que fui ali... As pessoas realmente dispersaram muito, depois dos anos sem ganhar dinheiro; eu acho que eu fui um dos poucos que persisti, mas sinto que agora tem uma nova fase, que tem pessoas com esse mesmo ímpeto que eu, de não deixar a peteca cair. (...)

Você já foi o tesoureiro do CnB, como eram divididas essas funções?

Foi muito interessante separar estas quatro fases do Beco:

Primeira fase:

O começo.

Segunda fase:

Fase clássica, quando ele cresceu e teve uma organização, já tinha o método de fazer o Beco ali que definiu isso.

Terceira fase:

Continuou com apresentações, mas sem nenhuma organização.

Atual fase:

Agora estão se redefinindo os cargos.

Por que você acha que diminuiu o número dos espetáculos no molde “Circo no Beco”?

Não diminuiu, mudou. A ideia inicial era fazer uma apresentação mensal, mais ou menos, e foi até mais de uma vez por mês. Daí, quando começou o Encontro, o encontro virou um dia de muita apresentação também, mantínhamos regular, cada bimestre um cabaré grande, mas às segundas começou a ter muitas apresentações e uma demanda muito grande. Tanto é que, na terceira fase, quando acabou

Cabaré Três Vinténs

No dia 10 de junho de 2013 o Cabaré Três Vinténs se apresentou no Puxadinho da Praça. Antes de começar nosso show, estávamos prontos e com os instrumentos em mãos, quando decidimos arriscar uma participação no Circo no Beco. Fomos conversar com os organizadores, que receberam a gente superbem e colocaram um microfone na minha mão. Anunciei o grupo e em alguns minutos a gente começou a tocar para umas 200 pessoas, que deram risada de nossa esquete e acompanharam nosso blues de rua com palmas calorosas naquela noite fria. Um detalhe: foi uma edição especial de Circo no Beco no Dia dos Namorados, e a música que apresentamos fala justamente de um “Desquite”...

Henrique Mendonça
Músico e compositor



PALCO ABERTO

A revista *Palco Aberto* é uma publicação independente com o tema de “malabares, circo e arte de rua”. Já teve mais de 15 edições e é divulgada em escolas de circo, encontros de malabares e festivais.



um pouco a organização, cresceu muito o Encontro, cresceu muito a frequência de apresentações nele e diminuiu muito o Circo no Beco como cabaré. Foi a mudança da segunda fase pra terceira, quando a gente pensou que a coisa andava por si só, ela andou pro lado que ela queria, que era só pra segunda-feira.

Quando surgiu a ideia de fazer a revista *Palco Aberto*?

(...) A ideia original surgiu quando eu desenhei alguns tutoriais de malabares porque eu estava dando aula, então era como montar bolinha, os primeiros truques, como montar claves; eu fiz uns desenhos e mostrei pro Duico: “Olha, acho que, com todos esses desenhos que eu fiz eu poderia fazer um livro, meio juvenil, infantojuvenil. Então o Duico olhou e falou que com aquele material dava pra fazer uma revista, e daí falamos: “Vamos tentar!”; não tinha nome ainda. Mais ou menos em 2005. (...) Existe uma coisa que é anterior ao circo, a performance, a arte que eu acho que é o malabares. Dá pra entender como uma coisa separada. A intenção era falar sobre essa trilogia “malabares, circo e arte de rua”. Eu considero o malabares muito mais antigo que o circo, milênios a mais.

Qual a importância da revista para a disseminação da arte de rua e do circo?

(...) A importância dela é muito grande, porque eu acho que mesmo com a internet ainda são pouco divulgados tais temas, e uma das coisas que é difícil conceber é que a internet é só o que dissemina e não o que produz.

Produzir conteúdo de malabares, circo e arte de rua é complexo e ninguém conseguiu na internet. Ao meu ver, tem pouquíssimos sites, alguns internacionais, como o *El Circense*; no Brasil tem o *Panis e Circus*.

A revista te obriga a estar produzindo conteúdo enquanto na internet te obriga a só disseminar. É importante porque tem poucos.

Quais mudanças você vê ocorrendo hoje na organização do CnB que o diferem do que era no passado?

Eu tive uma grande luz, hoje, agora quando eu pensei nessas fases que o Beco teve, foi uma coisa que eu só concebi agora. Dá pra ver bem claro, começou de uma forma espontânea e a gente tinha uma demanda grande, que era produzir um espetáculo quase mensal e tinha uma reunião semanal. A organização tinha uma demanda muito grande. Daí entrou nessa fase clássica que a gente começou

a definir como se organizava, durante essa fase fazíamos reunião toda semana e conversávamos muito pela internet.

E depois, quando paramos de fazer reunião, o CnB andou por si só e poderia andar infinitamente por si só; ele funciona do modo que tá, mas sinto que agora tem uma necessidade de fazer um tipo de organização que nunca teve, isso de considerar como um trabalho. Eu acho que esta é que vai ser a real importância, porque se a gente continuar sem nenhuma organização ele continua com o sucesso pra sempre, vamos nos divertir toda segunda, vai ter show, de vez em quando um cabaré. A minha necessidade é de transformar em um trabalho, ser o “primeiro trabalho” pra mim, e para várias pessoas.

Você se sente um dos criadores, senão o criador do que conhecemos hoje como Palco Aberto?

Talvez, eu lembro do primeiro Palco Aberto, não era uma coisa certa que ia ter, mas teve uma necessidade por problemas técnicos e não começava o espetáculo. Por instinto, eu fui e olhei o público, que ali no espaço do Beco o público sempre contou com muitos artistas, comecei a “encher linguixa” e surgiram apresentações interessantes da platéia. (...)

Quais foram seus principais aprendizados no CnB?

O principal, acho que foi este último que eu tive, que depois de estar dez anos juntos pensando como um plano B da minha vida, eu falei: “Vou transformar ele no plano A”. Pensei isso ano passado, quando eu até me desliguei de outros trabalhos, porque eu trabalhava para circos dos outros, eventos dos outros. Pensei: “Acho que tenho condição de fazer uma coisa por mim mesmo”, mas daí eu descobri que só as minhas qualidades e defeitos não bastam, eu tenho que ter as qualidades e defeitos de várias pessoas, o CnB tem que ter! (...) Meu principal aprendizado foi esse, entender que a gente precisa do defeito e da qualidade dos outros. Mas aprendi muitas outras coisas, e ainda estou aprendendo a ser um artista. Comecei no Beco. A primeira vez que encarei públicos grandes, foi no Beco.

Algo mais que você gostaria de dizer?

Sim, o porquê de termos começado no Beco. A gente ficava indignado de só ver artistas trabalhando no sinal, artistas bons trabalhando no sinal. Não que tenha



Público no Beco, 2010



Antônio Marcos Pires Gil apresentando Palco Aberto, 2013



Du Circo, CnB 10, 2003



Paula e Du Circo, CnB 4, 2003

algum problema, mas a indignação era quando todo mundo contava que viajava pelo mundo e via praças lotadas de apresentações e aqui a gente não via isso. Então falamos: “Vamos começar a fazer um evento CnB que vai favorecer isso”. E até hoje, pra mim, a gente se divertiu muito, mas a cidade de São Paulo não evoluiu nesse sentido, não é uma cidade conhecida pela arte de rua; talvez esteja mudando. Por exemplo, há mais ou menos 20 anos ninguém conhecia São Paulo como a cidade do *graffiti*, não existia expressão artística no *graffiti*, hoje já tem nomes que viajam o mundo inteiro e falam: “Sou grafiteiro de São Paulo”. Isso é um reconhecimento, eu acho que as mesmas coisas acontecem com a arte performática de rua. (...) Vi isso, que a gente não precisa ter pressa, estamos nos divertindo assim. Pode demorar 15 ou 20 anos, mas a ideia do Beco é que São Paulo seja conhecida como a cidade da arte de rua, performática ou não. Mais ou menos isso, a ideia toda.

Du Circo



Paulista, nasceu em 1973. Artista circense, palhaço e malabarista. Atua com trabalho solo e também com os grupos Namakaca e Fundo Falso. Integrante dos Doutores da Alegria desde 1995.

Qual a importância do CnB e do ENPAUMA para você e para o fomento da arte circense e de rua?

O CnB é o local de maior força de encontro dos malabaristas e artistas de rua de São Paulo. Há 10 anos toda segunda-feira tem um grande número de artistas e simpatizantes de arte circense e especialmente de malabarismo. (...) Muitos artistas se formaram, ganharam experiência com o público, testaram seus números e seguiram suas carreiras. Vejo o CnB como algo muito importante para a formação de muitos artistas e do público.

De quais espetáculos do CnB você participou? Gostaria de falar de algum em especial?

Foram muitos... (...) Lembro que algo que me marcou foi ter sido o “costureiro” dos números e espetáculos dentro do FECER, onde fiz dez entradas com personagens

diferentes, passei o dia apresentando e trabalhando para tapar os buracos e mover o público de local. Foi muito divertido.

O que você entende sobre “circo”?

O circo é uma linguagem milenar que nunca vai acabar, terá sempre altos e baixos. Vejo que o mundo está vivendo uma alta circense, onde o circo está dentro de muitas empresas, das famílias, em escolas e academias e não só mais dentro das lonas. (...)

Você acha que o CnB influencia na criação e no surgimento de novos artistas?

(...) Lá muitos curiosos chegaram e depois de um tempo se tornaram profissionais; acredito que o Circo no Beco abriu muitas portas e revelou grandes talentos.

Quais foram seus principais aprendizados no CnB?

Trabalhar com o coletivo, trabalhar pelo amor à arte e não pelo dinheiro, superar intrigas e diferenças entre a equipe. Evoluir ao assistir e ser formador ao apresentar. (...)

Duico Vasconcelos



Paulista. É o Palhaço Pistolinha. Malabarista, equilibrista e músico, trabalha como palhaço na Academia Brasileira de Circo e nos Doutores da Alegria. Atuou na companhia norte-americana Cirque Dreams e na Unircirco. Foi um dos idealizadores do Circo Gaia e do Circo Rizorama. É criador e integrante do trio de palhaços Los Tabacudos. Foi também coordenador e professor de circo e expressão corporal para crianças de 4 a 16 anos na Escola da Praça do Projeto Aprendiz.

A reunião que antecedeu o primeiro espetáculo, à qual Rodrigo Pereyra se refere em seu relato, aconteceu na casa onde também morava Duico. Foi lá que tudo começou.

“(…) Os malabaristas de rua, as pessoas de circo eram muito malvistas... Como a gente trabalhava em sinal, cada um tinha seu ponto. Eu chegava lá no lugar e o cara que estava lá, ele saía, respeito, porque ele já tinha um respeito de que eu já havia começado aquele ponto, era um ponto que eu ia há três anos.



Duico Vasconcelos, CnB 6, 2003



Duico Vasconcelos e Antonio Marcos
Pires Gil, 2004

Teve uma hora que sentei no meio-fio, e me perguntei: ‘Quando é que eu vou sair daqui, pra onde que eu vou agora? Três anos aqui todo sábado e domingo, pra onde é que eu vou?’.

(...) Eu posso até não ter aquela puta grana, casa na praia e carro importado, mas eu tenho pessoas de meu convívio, graças ao Circo no Beco, que foi o que abriu tudo, o lugar que me fez artista.

Porque não tem curso. Se você vai falar ‘Teve curso?’, não teve curso, o curso era botar a cara para bater, e pirando. Era todo mundo pirando junto e fazendo reunião. (...)

(...) O Circo no Beco começou na Argentina, foram os argentinos que chegaram, dominaram o sinal e a gente começou a ver o que era isso. A gente começou a fazer sinal, e aí a gente viu que o sinal não estava mais dando para a gente, porque você começa a buscar coisa artística mesmo, pois não adianta só chegar lá e fazer malabares, tem que conquistar o cara do carro e foi aí que eu comecei a entender o que era a arte, que eu entrava no sinal, o cara passava, ele estava puto no carro... Aí eu fazia meus malabares, quando eu terminava o cara já estava com o dinheiro de fora para me dar. Aqui eu conquistei esse cara. Não existia isso... O paulista é carrancudo por natureza, então para você fazer sinal na cidade de São Paulo, e saber conquistar um cara que tá dentro do seu carro, é uma vitória. Só que a gente queria mais, eu queria mais. Os caras que vinham de outros países já faziam rua. (...)

(...) Coincidentemente, no dia 27 de março ia ter o cinema, ele (Rodrigo Pe-reyra) falou isso numa quarta e era na próxima quinta, vamos aproveitar esse grupo. Beleza, começamos a divulgar... Aí quando a gente foi fazer o primeiro (CnB) não tinha ninguém, todo mundo tinha ido embora do cinema, a gente nem maquiado estava e não havia ninguém na praça, falamos ‘Vamos lá e fazemos pra gente mesmo’. Tínhamos ido no dia anterior ensaiar lá no Beco (...) o CnB começava na praça, passava pelo meio, ia pro fundo e voltava para a praça. (...)”

Mas aí acabaram chegando as pessoas?

Quando saímos falando de se maquiar, a gente tinha umas tochas, não tinha luz, era fita cassete, um walkman, megafone... Quem não fazia número segurava as tochas. Quando voltamos com tudo pronto, tinha uma galera de circo, muita gente

de circo tradicional, despertou a curiosidade. (...) Depois de dez anos eu ainda não sei o que é o Circo no Beco. É uma coisa que funciona sozinha. Nós (o grupo que se formava) não queríamos dinheiro de fora, a gente queria que fosse o chapéu, queríamos que as pessoas entendessem que a arte de rua é chapéu, não é você mendigar. Você está trabalhando e deixa de ganhar dinheiro. Na verdade põe dinheiro seu para entender que o chapéu é importante para o artista. Não é sobrevivência, é vivência. (...)

Eu lembro a primeira vez que eu apresentei o cangaceiro, estava tenso, nervoso, porque era mostrar um novo lugar. E todo mundo comprando junto. Ali era todo mundo junto, era um grupo, então você se sentia responsável pelo outro, se um número fosse ruim não era só para um, era pro todo, pra mim também, mas era muito mais pro todo do que pra mim. E foi o Rodrigo que me trouxe essa coisa do fazer, não só artisticamente em cena, mas o fazer fora de cena como pessoa, isso me trazia responsabilidade, então me deixava mais nervoso.

Emanuela Helena



Nasceu em 1982 em São Paulo, onde vive até hoje. Acrobata, historiadora, arte-educadora e fagotista. Fundadora e artista do CnB, também trabalhou na Central do Circo e fez parte do NEC (Núcleo de Estudos do Circo).

O que você entende por arte de rua?

Arte de rua é todo tipo de manifestação artística que acontece na rua, vai *muuuuuu*to além de Circo no Beco etc. e tal. *Graffiti*, *hip-hop*, repentista, pastor evangélico... é TUDO arte de rua. Que, basicamente, se expressa na rua e tal. E em algumas instâncias, que parte, surge da rua e ganha o mundo.

Qual a importância do chapéu na sua vida hoje?

A mesma de sempre, tem um potencial ideológico e transformador inquestionável.



Emanuela Helena, 2006



Emanuela Helena e Gilberto Caetano, 2004



Circo Delírio, 2009

Esteban Hetsch



Argentino, nasceu em 1980. Começou a jogar malabares em 1997 e logo depois a apresentar-se na rua. Estudou na Escola Municipal de Berazategui e na Escola del Circo Criollo, em Buenos Aires, e na Oz Academia Aérea e na Picadeiro Circo Escola, em São Paulo. Atualmente vive em São Paulo e integra a Cia. Circo Delírio e a The Bigosty Shows.

Conte um pouco de sua experiência nas apresentações da rua em outros países da América Latina (Argentina, entre outros) que você tenha passado antes de vir ao Brasil.

Antes de ir ao Brasil, eu só trabalhei na Argentina. (...) Foi muito duro no começo, dormíamos na estrada e não fazíamos nem um real, ninguém gostava do nosso malabares. Aí começamos a conhecer gente linda que nos ajudou muito. Tentávamos fazer shows nas praças e não tínhamos noção de nada, sem microfone, sem som, sem figurino.

Sabe-se que você foi um dos fundadores do Circo no Beco. Conte-nos um pouco como foi e por que ou de onde surgiu essa ideia?

Foi com o Rodrigo Pereyra, antes do Gaston chegar. (...) Treinávamos na OZ Academia Aérea de Circo, começamos a nos apresentar, ganhar dinheiro, e conhecemos o Circo Amarillo. Os caras faziam shows, tinham espetáculos de circo e de teatro, já tinham experiência. Era tudo muito novo, e com Rodrigo pensei: “Temos que fazer show na rua”. Eu já tinha feito muito no parque do Ibirapuera com Adrian, Rodrigo Pereyra e Rodrigo Peruano, mas copiando o Chacovachi e outros. Aí, quando vimos o Circo Amarillo, percebemos outro tipo de show. Logo eu fui embora para o Rio de Janeiro fazer uma reciclagem na escola de circo. O Gaston foi me visitar no Rio, o Joe (que hoje mora em Barcelona) ficou morando no meu lugar na casa laranja, que eu morava com Duico. Muitas pessoas passaram por lá, era a casa dos artistas da época, era ocupada por artistas novos, emergentes, nada a ver com elite. A internet era uma novidade, era tudo vídeo (com os truques de malabarismo e apresentações) e os caras que tinham os vídeos não emprestavam.

Qual a importância do chapéu em sua vida?

Vivi muito disso, me deu de comer, me deu amigos, me deu a possibilidade de conhecer mais de 16 países. Acho que foi o melhor que me aconteceu na vida, passei chapéu em 16 países (risos).

Tem algo mais que gostaria de dizer?

Não podemos esquecer que a arte de rua tem uma raiz muito forte ligada à arte de lona e de teatro também, e temos que respeitar os mais velhos, pois são aqueles que nos ensinaram tudo e algum dia nós iremos ensinar também. Então muito cuidado em dizer que a rua é diferente e não sei o quê... O circo é o circo, não importa onde você o faz!

Leda Lorenzo Montero



Nasceu na Espanha em 1977. Formada em Biologia e doutora em Ecologia. Atualmente não tem atuação na área de artes circenses, mas também foi uma das fundadoras do CnB. Vive no Brasil.

Como você conheceu o Circo no Beco?

Eu participei da construção do CnB desde o começo, quando não havia ribalta e a gente usava uns paus de vassoura com lâmpadas penduradas para fazer a iluminação. A nossa ideia era fazer um espetáculo de rua bem bonito para encantar as pessoas e trabalhar a valorização da arte de rua no Brasil, pois vários malabaristas que trabalhavam na rua ficavam chocados com tal falta de valorização. Naquele momento era mais fácil trabalhar no sinal do que no parque e nós decidimos procurar um espaço bonito para enchê-lo de arte procurando fortalecer essa cultura *underground*.

O que você entende por arte de rua?

No caso específico do Brasil (sou espanhola), acho bastante importante, pois falta apropriação do espaço público por parte da população de modo geral. O espaço público é nosso, é de todos e devemos nos posicionar como quem tem o direito de melhorar e encher de vida e cultura esse espaço.



Leda Lorenzo, 2003



Alessandro Azevedo e
Renato Paio, 2006

Você já viveu somente do dinheiro que ganhava com o chapéu nas apresentações de rua? Você acha possível viver só dele ainda hoje?

Já vivi do chapéu quando estava viajando, na Europa antes de o CnB existir. Acho possível sim, mesmo hoje em dia, mas depende do tipo de vida que você pretenda ter. Acho bom para levar uma vida “alternativa”, um pouco diferente dos padrões sociais da Globo [referindo-se a rede de televisão]. (...) Acho uma fonte de renda para bancar uma vida mais fluida, pois permite maior liberdade.

Luiz Fernando Moura (Joe)



Nasceu em 1985 em São Paulo. Atualmente vive na Espanha. Artista de circo, trabalha em diversos festivais de circo europeus, cabarês, circos tradicionais, eventos e produções de espetáculos pela Europa. Esteve presente na fundação do CnB.

Qual a importância do Circo no Beco e do Encontro Paulista de Malabarismo para você e para o fomento da arte circense e de rua?

Um espaço de magia e de encontros, doador de arte e amor, de paixão ao circo e à arte de rua, onde todo mundo é igual, onde em teoria o dinheiro não é o mais importante, onde da união nasce a arte, um palco aberto brasileiro e eterno paulistano! Onde todo mundo está convidado a divertir-se e a desfrutar das novas e velhas criações desses artistas, tudo a critério de pagar ao chapéu o que cada um crê que vale e seu bolso permite pagar!

Qual a importância do chapéu na sua vida hoje?

Me fez criar personagens, ganhar dinheiro, sobreviver em momentos difíceis e convencer as pessoas de que o que eu faço vale de verdade muito mais do que eles imaginam.

Você teria algo a dizer para as pessoas que estão começando hoje com as artes de rua ou as artes circenses?

Que têm que viver a rua! Dedicar-se e criar sem parar, devagar e sem pausa! Acreditar na magia e na arte que elas te salvam de tudo! Pesquisar, estudar e profissionalizar-se o máximo que puderem, ver e rever espetáculos, treinar com muita

disciplina, para que a mente flutue junto com sua imaginação. SER RESPONSÁVEL. COMER O CIRCO, digo, E IR PRA RUA PROVAR MUITO.

Marcelo Lujan



Argentino, nasceu em 1976. Atualmente vive em São Paulo, onde trabalha com circo, teatro e música. Formado em Artes Plásticas. É diretor da Cia. Circo Amarillo e diretor musical do Circo Zanni, além de ser integrante de ambos.

Como você conheceu o Circo no Beco?

Eu fiz parte das primeiras pessoas que pensaram a ideia e incentivei a fazer acontecer porque acreditava que a cidade de São Paulo precisava de um espaço como esse. Aliás eu estava na tarde em que o Rodrigo Pereyra falou de fazer espetáculo no Beco, estávamos dentro do Beco fazendo malabares e falamos disso.

Marco Napuri (Markiño Peruano)



Peruano, nasceu em 1979. É artista de rua há mais de 12 anos, morou no Brasil de 1998 a 2003 e após isso foi para a Europa, onde vive, até hoje, na Espanha. Ao lado de sua companheira Paula Mackenzie, formam a companhia Zirkacid. Ambos estiveram presentes nas primeiras edições do CnB.

Como começou o Circo no Beco?

O Circo no Beco começou pela necessidade de fazer espetáculos e apresentar números que tínhamos vontade. (...) Nesse tempo somente se podia assistir a um espetáculo se pagasse as entradas e sempre eram companhias já consagradas no mundo do circo paulistano. E também na Argentina tinha entrado com força o modelo *Varieté* de Circo, assim resolvemos pôr isso tudo em marcha... E funcionou!

Éramos alguns “gringos”... Juntos falamos no Beco, depois com os malabaristas de São Paulo também nos reunimos e resolvemos pedir permissão ao Projeto Aprendiz. (...) E graças a eles que deu pra fazer tudo aquilo, as reuniões aconteciam ali no local deles. (...) Armamos o roteiro, as luzes e o som com muita vontade de fazer por amor a arte. Me lembro que no primeiro Circo no Beco, a maioria das



Circo Amarillo, CnB 6, 2003



Circo Amarillo, 2003



Público na praça no CnB, s/d

crianças eram do Projeto Aprendiz, o nosso primeiro público! Acho que essa magia foi a chave de tudo.... Esse primeiro público!

Você foi fundador?

Sim... Não fomos fundadores, fomos um grupo de amigos que sempre andávamos juntos falando de circo, armando rotinas, treinando, trabalhando e vivendo juntos.

Você ainda faz rua? Como é fazer rua no Brasil e no mundo atualmente?

Sim, sempre faço rua, é meu estilo de vida. Fazer rua no Brasil dez anos atrás era difícil, mas a gente fazia igual. Na Europa é melhor, tem uma cultura em que o público respeita e o artista é valorizado. Atualmente o único problema para um artista de rua é a sociedade, que não valoriza a sua cultura e também as leis do sistema, que vão contra os artistas de rua. Em alguns países colocam muitas fechaduras para tudo, para o espaço, permissões, som etc. Por essa razão os festivais de rua são os lugares onde o público e o artista convivem em paz e harmonia.

Qual a importância do chapéu na sua vida?

É a importância de saber que eu estou fazendo bem as coisas.

O que você entende por arte de rua?

Arte de rua é uma definição de uma cultura, um movimento que nunca dorme e que está vivo porque a gente o mantém assim. Enquanto houver menos cultura, terá sempre a arte de rua para podermos nos expressar livremente. É um direito do ser humano. (...)



Pablo Nordio,
2009

Maria Druck



Paulista, nasceu em 1977. Sua principal formação é Equilibrismo e tem graduação em Artes Cênicas pela ECA-USP. Esteve desde o princípio no CnB, integrando a Comissão de Aéreos. Também trabalhou com o Circo Delírio e o Galpão do Circo. Atualmente é iluminadora cênica e *light designer* para diversos espetáculos.

Qual a importância do Circo no Beco e do Encontro Paulista de Malabarismo para você e para o fomento da arte circense e de rua?

O fato (...) de terem crescido e se mantido por dez anos representa uma vitória. Nossa ideia era mesmo abrir um espaço para que artistas jovens pudessem mostrar seus trabalhos e experimentar suas linguagens, trocar experiências, criar... Penso, no caso do Circo no Beco, que o espetáculo adquiriu uma espécie de forma ou estrutura fixa, como um espetáculo circense tradicional, o que artisticamente não era o meu anseio particular, mas tenho certeza que isso facilita a sua realização e abrange a possibilidade de receber um maior número de artistas e de público. O Encontro de Malabares, por sua vez, cresceu e se estabeleceu de maneira a ganhar vida própria, ao ponto de a pracinha da Belmiro Braga hoje ser conhecida como “praça dos Malabaristas” e não mais “praça do Aprendiz” como antigamente. Aliás, o batismo oficial da praça deveria ser reivindicado junto à Prefeitura: Beco dos Grafiteiros e Praça dos Malabaristas! O Circo no Beco, como obra de arte viva, tem a possibilidade de unir essas artes. Afinal, o Circo no Beco e o Encontro de Malabarismo, agora com dez anos de bagagem, são uma tradição e uma referência para a arte circense de rua, assim como o beco o é para o *graffiti*: encubadoras de artistas além de galeria e sala de espetáculos a céu aberto.

Quais foram seus principais aprendizados no Circo no Beco e no Encontro Paulista de Malabarismo?

Trabalhar em grupo, exercício de diálogo, produção artística, oportunidade de olhar para o espaço público com uma óptica diferente da cotidiana, buscar o fazer artístico nessa relação, da mesma forma relacionar a arte cênica com o *graffiti* (...).



Maria Druck, Du Circo e Marian Del Castillo, 2003



Du Circo e Marian Del Castillo, 2003

Como você vê o Circo no Beco no passado, e como você o vê hoje?

Como já disse anteriormente, vejo que o Circo no Beco enquanto espetáculo assumiu uma forma fixa de ser. No primeiro ano, nós experimentamos bastante, tanto no formato, quanto nos temas, e tínhamos a proposta de cada integrante assumir um personagem que tivesse a ver como o tema que dava uma identidade ao evento, uma unidade. Hoje vejo que ele assumiu a forma de show e espetáculo de variedades que acredito ser uma forma que simplifica sua realização, mas que artisticamente perde um pouco na minha opinião, mas entendo ser difícil conseguir manter a inovação sem nenhum incentivo.

Você já viveu somente do dinheiro que ganhava com o chapéu nas apresentações de rua? Você acha possível viver só dele ainda hoje?

(...) Terá que trabalhar com regularidade e escolher pontos estratégicos, criar um público em cada espaço, além do que o valor recolhido no chapéu é diretamente proporcional à qualidade do que você apresenta. Na rua o público é ainda mais exigente, pois tem a liberdade de ir e vir mais do que em outros espaços.

Marian Del Castillo



Panamense, nasceu em 1981. Atualmente vive em São Paulo. Artista aérea desde 1998, participou de diversas escolas de circo pelo Brasil e trabalhou em diferentes circos e festivais de artistas de rua pelo mundo. Como artista aérea e como assistente de direção de criação trabalhou no Cirque du Soleil. É formada em Cenografia e Figurino na Itália.

Como você conheceu o Circo no Beco?

Eu estava desde antes de ser Circo no Beco. Fui umas das fundadoras se assim se pode dizer... Éramos sempre aquele “grupito” de amigos internacionais... e lembro que a gente queria muito um lugar pra fazer *cabaret* porque os grupos grandes sempre chamavam os mesmos artistas para fazer... E como a maioria dos meninos eram malabaristas já ficava na pracinha porque era perto da casa do Duico, Rodrigo, Esteban; o Gastón veio com a ideia de fazer lá, então começamos a nos reunir na casa do Duico, e foi daí que surgiu o Circo do Beco.

Mateus Bonassa



Nasceu em Osasco em 1985. Foi integrante do Circo Zé Brasil, atualmente é palhaço e diretor de circo do Teatro Mágico e palhaço, ator e auxiliar em cenografia no Circo Vox. Em 2011, fundou o projeto Ponte do Circo, em Osasco. Também foi integrante da organização do CnB.

Como você começou a jogar malabares?

Quando eu tinha 13 anos (final de 1999). (...) Lembro que voltei da escola e estávamos eu e um primo meu, Bruno, assistindo esse programa (Eliana), e ficou a tarde inteira mostrando malabarismo. (...) E uma hora ele (o malabarista da TV) fez e explicou mais ou menos como era. E a gente foi tentando, e eu lembro de já ter visto em circo fazendo com lenço, e aí a gente tentou com a bolinha e não conseguiu, aí pegamos o lenço de assoar nariz do meu pai e começamos a tentar fazer e no mesmo dia saiu um movimento de cascata, né?

Você já tinha visto malabarista no farol?

Não. (...) Só via no circo ou na tevê. Começa uma expansão logo depois... Nessa época a internet era muito difícil ainda, o acesso a informação era muito difícil. Isso mais ou menos em 2001, Natan (meu vizinho) nos levou para conversar com o casal (*que era o JrMalabaris, casado com a Paula, que é irmã do Natan*). Nessa época eles se encontravam no Ibirapuera para treinar e vender materiais, aí eu conheci o Junior e o Paulinho Ygar, toda essa galera que fazia malabares. Logo depois fui conhecendo vários outros encontros. (...)

Você falou que o Beco é uma escola. Qual foi seu maior aprendizado?

Nossa! O maior? A rua. É a melhor escola para o artista na minha opinião, e aqui (CnB) a gente trazia muita coisa para testar, dar a cara a tapa. Então, na questão da criação do meu palhaço, do meu artista, o CnB foi uma grande escola nesse sentido. (...) A questão de improvisar, e não improvisar só cenicamente, improvisar com material: se queimar a luz, você conseguir verba para comprar uma lâmpada, gerenciar artistas num espetáculo, enfim. Isso foi uma grande escola aqui no Circo no Beco.



Marcelo Lujan e Mateus Bonassa, 2005

Impressões das meninas da Comissão de Aéreos sobre Nacho Noche

Maria: (...) Um que era importantíssimo nessa fase dos personagens era o Nacho Noche, ele fez o Homem Gelo, o Homem Churrasco, o Homem Cuspido (ele cuspiam nas pessoas).

Tum: O Homem Colorido, quando ele quis se aproximar das crianças. Elas tinham medo dele. Aí ele fez um número que deixava as crianças desenharem nele, pra ele se reaproximar das crianças.

Maria: Ele era *performer*. No Homem Gelo ele passou o espetáculo inteiro dentro de um carrinho de gelo, depois ele fez o Homem Churrasco, foi cozido vivo.

(...)



Nacho Noche, 2004

Foi você quem fez o maior chapéu da história do CnB?

Sim, no III Festival. Era um misto de várias ideias, muitas delas testadas na minha experiência com o Beco, é o “charla”, o charlatão, ou seja, falar pra caramba. (...) E uma coisa que eu aprendi... (...) Não basta você ter um bom número; você pode ser bom em técnicas, mas não ser comunicativo. Você pode ser carismático e não ter uma boa técnica. Então tem diversas formas para se chegar a uma equação de um bom chapéu. A grande discussão é: vamos valorizar a arte de rua.

Qual a importância do CnB para o fomento da arte de rua?

Beco é a mãe, São Bernardo surge daqui. A potencialização do encontro deles é daqui porque as ribaltas do Circo no Beco foram usadas por eles durante muito tempo. (...) Todo mundo que está num grande expoente no Brasil na atualidade já passou pela praça do Beco: La Mínima, Madame Blanche, a galera do Jogando no Quintal, Circo Amarillo, diversos malabaristas, o Jesus Fornies que veio recente. (...) Então é um lugar de experimentação, um polo cultural da cidade de São Paulo, de discussão. Em certos momentos está mais em alta, em outros abaixa, estagna, mas faz parte do processo do espaço, não digo nem do coletivo: mas do espaço; o espaço é uma fluidez de acontecimentos.

Nacho Noche



Nasceu na República Dominicana em 1974. Pescador, *performer* e trabalhador social.

Como você conheceu o CnB?

Dividia casa com Gastón e pelo meu amigo Rodrigo Pereyra, eles já faziam esse tipo de cabaré na Argentina anteriormente.

Você já viveu somente do dinheiro que ganhava com o chapéu nas apresentações de rua? Você acha possível viver só dele ainda hoje?

Sim! Só fazendo.

Paulo Andringa



Nasceu em Portugal em 1978. Designer/programador *web*. Joga diabolô desde os 16 anos. Esteve presente na fundação do CnB e foi responsável pelo material gráfico durante os primeiros anos.

Qual a importância do Circo no Beco e do Encontro Paulista de Malabarismo para você e para o fomento da arte circense e de rua?

Desde o início do projeto um dos principais objetivos (além de nos divertirmos, claro) foi sempre a “valorização e divulgação da arte de rua”, e penso que o CnB teve um papel importantíssimo no crescimento dessa área, não apenas em São Paulo, onde se realizou, mas no Brasil, através das pontes estabelecidas com outros artistas e pesquisadores das áreas do circo, malabarismo, manipulação, performance, música etc. Os encontros de malabares, ao abrir espaço e tempo para essa prática bem no meio da cidade, vieram fortalecer também essa dinâmica, dando a conhecer, criando amizades, permitindo evolução técnica e cruzamento de disciplinas.

Como você participou do Circo no Beco?

Particpei no Circo no Beco como transportista, lanterninha, designer, programador, português-de-serviço, aprendiz-de-eletricista, carregador, montador de cenários e estruturas... Devo estar me esquecendo de algo...

Em quais espetáculos do Circo no Beco você participou?

Os primeiros Becos, porque eram os primeiros, porque tudo surgiu ali, pela beleza de ver público aparecer naquele lugar que antes estava muitas vezes deserto, ver crianças e adultos admirar as pinturas pela primeira vez junto com o circo propriamente dito, aliado ao prazer dos artistas que faziam tudo por amor à arte. Mais puro não há. (...) Ajudar Nacho Noche com os seus números, desde transportar a fogueira para “El Hombre Churrasco”, a ajudar a controlar a multidão durante os surtos por ele causados. (...) Embora não tenha sido um “Beco” propriamente dito, a festa de aniversário naquele teatro na Consolação foi inesquecível!... à porta o preço era 10 reais ou 5-mais-um-quilo-de-alimento-não-perecível. Eu sei que transportei mais de 400 “um-quilo-de-alimento-não-perecível” da entrada para a



Paulo Andringa, 2005



Leda Lorenzo e Paulo Andringa, 2004



Rodrigo Buchiniani, 2004

sala. (...) Durante muito tempo muita gente me disse que era das melhores festas que tinha na memória!

Tive a sorte de me encontrar no mesmo espaço-tempo que o surgimento do Circo no Beco, onde estive envolvido desde a primeira hora (ou hora-e-meia), como artista e aprendiz de feiticeiro, além de colaborar na divulgação, tanto web como papel, participando em centenas de sempre intermináveis e agradáveis reuniões, transportando, fazendo acontecer, correndo atrás e imaginando em geral.

O que você entende por arte de rua?

A capacidade da rua, com um mínimo de meios, criar situações que permitam distrair, divertir e/ou questionar quem passa.

Normalmente, por questões de sobrevivência e contenção de despesas, passa-se um chapéu antes, durante e/ou depois da atuação, para conseguir dinheiro para comer, pagar contas, comprar coisas etc. Em alguns casos extraordinários, faz-se pelo prazer da arte, ou para arrecadar fundos para uma causa justa ou nobre. No caso do Circo no Beco, ambas as explicações se aplicavam. (O prazer era todo nosso, o dinheiro ficava para comprar um equipamento melhor, para ter mais prazer ainda no próximo espetáculo, e se sobrasse muito, fazia-se um churrasco.)

Rodrigo Buchiniani



Nasceu em São Paulo em 1979, onde vive até hoje. Advogado, circense e capoeirista. Pós-graduado em Direito Tributário e mestrando em Direito Constitucional pela PUC-SP. Artista circense com foco em corda lisa, malabarista, palhaço, monociclista, pirofagista e contrarregra.

Qual a importância do CnB e do ENPAUMA para o fomento do circo e da arte de rua?

Possibilitaram pra uma série de pessoas que passaram por esses locais, seja como: artistas, produtores e organizadores destes eventos, um primeiro contato com a produção de espetáculos de circo na rua. (...) Identifico (...) como escolas de circo na sociedade atual, como modelos, em que pessoas apaixonadas pelo circo, sejam elas artistas ou não, que abraçaram a ideia como forma de dar continuidade de como desenvolver o circo na rua.

Você já fez farol? Qual foi a importância na sua vida?

Já, dou grande importância ao período em que fiz farol, pois aprendi e busquei aprimorar que eu devo ter um começo, meio e fim, que tenho que ter uma apresentação, que devo desenvolver uma abordagem, um corpo.

O que você entende por arte de rua?

Uma possibilidade de comunicação por meio da linguagem artística em que o palco é a rua e o transeunte, seu público, tendo no chapéu o elo entre a liberdade de expressão com a realidade dos metais colocados no chapéu.

Você sendo um dos únicos, senão o único homem envolvido na Comissão de Aéreos, tem algo especial que gostaria de dizer?

Todas as mulheres que passaram pelo Circo no Beco e participaram de alguma forma da Comissão de Aéreos são mulheres guerreiras e empreendedoras, pois esta linguagem circense exige estrutura de aéreos, aparelhos e colchões de segurança; e, no coletivo de maioria masculina, assumir essa manifestação circense foi de considerável importância para que o Circo no Beco não fosse reconhecido apenas como circo de malabaristas.

A primeira trave que o Circo no Beco usou foi emprestada por um homem, Gilberto Caetano, e a Comissão de Aéreos aprendeu com este a instalar, espisar e utilizar com segurança durante os espetáculos. O fato de eu ser talvez o único homem a auxiliar na Comissão de Aéreos se deve pela curiosidade e por diversas possibilidades artísticas que podem existir com os pés no ar.

Por envolver um cuidado maior em relação aos espetáculos em que houve apresentações aéreas, a montagem e a desmontagem desses equipamentos sempre foram realizadas por poucas pessoas de um coletivo de mais de 15 pessoas, ou seja, com o tempo, pelo pouco envolvimento de todos os colaboradores em auxiliar nas montagens e desmontagens numa fase recente os números de aéreo foram diminuindo.

Depoimento de Frederico Jorge, “Ninguém Dorme”

O Beco influenciou não só esse desenho do Paulo e da Leda* mas toda minha vida.



**referência ao graffiti, que representa Paulo Andringa e Leda Lorenzo, ambos integrantes do Circo no Beco*



Rodrigo Racy, voluntário e Thiago Cintra, 2003



Marian Del Castillo e Tum Aguiar
(Super e Bela), 2003

Tum Aguiar



Vive atualmente na cidade de São Paulo. É trapezista e especializou-se em acrobacias performáticas aéreas. Formou-se na Circo Escola Picadeiro e atua há mais de 15 anos na área. Contribuiu em diferentes grupos e circos no Brasil e na Europa. Atualmente é parceira do grupo ARES, e da dupla Luli & Tul. Além de atuar como artista, Tum Aguiar também é diretora técnica de montagens circenses e Rigger, ministra aulas e oficinas regularmente.

Quando foi seu primeiro contato com circo, malabares ou arte de rua?

Fui uma das fundadoras do Circo no Beco, participando desde a 1ª reunião. Fiz parte da 1ª comissão de aéreos, que visava a possibilidades de ter aéreos no Beco, no qual fomos bem-sucedidos.

Você acha que o Circo no Beco influencia na criação e no surgimento de novos artistas? De que forma?

Com certeza! Na troca que ocorre nos encontros realizados e na fácil acessibilidade que a população tem em relação ao Circo no Beco.

Quais foram seus principais aprendizados no Circo no Beco e no Encontro Paulista de Malabarismo?

Com o Circo no Beco aprendi que, quando se quer alguma coisa, existe união e, se se organizar bem pra isso, tudo é possível.

Qual a importância do chapéu na sua vida hoje?

Uma lembrança boa!

Tem algo a mais que você gostaria de dizer?

Viva a arte de rua!!

Vicky Justiniano



Nasceu em São Paulo em 1983. Atriz formada em Artes Cênicas e Circenses. Começou a trabalhar com circo na OZ Academia Aérea de Circo, em São Paulo, e depois na Escola Nacional de Circo da Funarte, no Rio de Janeiro. Trabalhou em espetáculos variados.

Qual era sua função no CnB?

A cada momento um estava em uma função diferente, tínhamos os artistas convidados a cada espetáculo. Porém, do coletivo que encabeçava o Beco do qual eu fazia parte, éramos de tudo um pouco e dividíamos muito bem as funções a cada necessidade dos espetáculos. Uma das coisas que sempre discutíamos e batalhávamos para que acontecesse era que o Circo no Beco se tornasse independente das pessoas que o fundaram, andasse pelas pernas próprias, criasse uma estrutura que pudesse ter o revezamento de diferentes artistas e continuasse acontecendo. (...) Com muito orgulho vejo que isso realmente aconteceu. (...)

Algo mais que gostaria de contar?

Um dos primeiros espetáculos do Circo no Beco, eu nunca vou me esquecer... Quando ainda não tínhamos iluminação mais profissional (...) decidimos improvisar (...), muito mambembe por sinal, colocamos algumas lâmpadas com extensão presas em cabos de vassoura e nós da organização do Beco dividíamos quem carregava. Então estávamos apresentando números e íamos revezando com a função de carregar a iluminação (...). E, como o espetáculo era itinerante, tínhamos que sair andando com as lâmpadas em extensão. É óbvio que aconteciam grandes contratempos nisso, como por exemplo os artistas chegarem ao local de apresentar seu número seguidos pelo apresentador do dia e ainda estar escuro! E a iluminação correndo, se enroscando nos fios e no público. (...) Às vezes a lâmpada caía do cabo de vassoura e consertávamos ali mesmo durante as apresentações. Era tudo muito criativo, improvisado e alto-astral nas nossas gambiarras para fazer acontecer os espetáculos.



Emanuela Helena na perna de pau e seguranças, 2003



Anderson Pereira da Silva, 2011

E para finalizar...

Um verdadeiro exemplo da importância do Circo no Beco para o fomento das artes circenses, o eterno garoto-revelação....

Anderson Pereira da Silva

Nasceu na Bahia em 1991, mas vive em São Paulo desde pequeno. Eterno garoto revelação no malabarismo, já ganhou 16 troféus no mundo do circo. Trabalhou no Circo dos Sonhos, Turma da Mônica no Mundo do Circo, e já foi convidado de diversas convenções de circo, como as do Peru e Equador.

Anderson Pereira da Silva, mais conhecido como “Neguinho” ou “Anderson Malabarista”, é um dos muitos profissionais que você encontra todas as segundas-feiras como assíduo frequentador do Encontro Paulista de Malabarismo. Mais do que isso, ele é um exemplo para o fomento das artes circenses e de rua.

O Beco comumente conhecido foi um dos lugares onde Anderson começou a aprender a técnica e a se profissionalizar. Apresentou ali naquela praça seus laboriosos números em diversos Palco Abertos e edições do Circo no Beco. Trabalhou tanto em circos de lona fixos e itinerantes, como no farol e abrindo rodas em praças.

O garoto prodígio considera todas as experiências já vivenciadas essenciais para sua formação. Sempre que tem algum truque novo, sobe ao palco para mostrar, além de estar sempre disponível para ajudar e treinar junto com malabaristas ou entusiastas que frequentam o Encontro.

Atualmente Anderson é considerado um dos melhores malabaristas do Brasil.

O que você entende por arte de rua?

A arte de rua é o futuro.

O que você entende de circo?

Eu trabalhei seis anos no circo. Então conheço as duas coisas, arte de rua e circo. Ambos são diferentes, mas são iguais. (...)

Você já viveu do dinheiro que ganhava no chapéu?

Sim, até hoje eu vivo. Aliás, eu voltei a fazer farol. (risos)

Você parou de trabalhar no circo e voltou a fazer farol?

Sim, na verdade eu já estava há muito tempo, quatro anos e meio trabalhando na Barra Funda, fixo (*circo de lona fixo*). Daí rolou um projeto de viajar com o circo, eu

Anthony Gatto

Anthony Gatto é um malabarista americano que quebrou diversos recordes mundiais de resistência de malabarismo. Foi o único malabarista do mundo a ganhar o prêmio Golden Clown, no Festival Internacional de Circo de Monte Carlo, que é como o Oscar do Circo, onde jogou 11 anos. Atualmente integra o Cirque du Soleil.

viajei, mas chegou uma hora que eu queria viver outras ondas, ir para as Convenções de Malabares, e assim foi.

Você tem algum ídolo ou alguém que o motivou dentro das artes circenses?

Tenho. Foi o Igor em primeiro lugar e uma pessoa que eu me inspiro muito que é o Anthony Gatto, hoje um dos melhores malabaristas do mundo.

Mas uma pessoa que eu admiro muito aqui, muito, e que sempre está do meu lado, é o Marquinhos. Antônio Marcos Pires Gil. Inclusive foi o Marquinhos que me levou no circo, pro Circo dos Sonhos.

E quanto tempo você levou vivendo a vida do chapéu?

Vivi três anos direto. Aí depois veio o circo, mas sempre que eu tinha uma folguinha trabalhava no sinal, porque gosto muito. Ou fazer barzinho, fazer rua, essas coisas.

Você sabe da influência que tem na vida de muitas pessoas que frequentam aqui, tendo você como ídolo?

Na verdade eu nem sei. Mas eu gosto muito daqui, gosto da galera, me sinto bem aqui. É uma família. Fico muito feliz. Aqui no Beco eu me sinto em casa.

Você se sente um filho do Circo no Beco?

No começo era Neginho, agora sou Negão, cresci, estou mais forte. (risos)

Como você vê esse encontro no passado, como você vê ele hoje e o que você diria para as pessoas que estão começando?

Esse é o Encontro mais famoso que tem. Inclusive até o Thomas Dietz, que é um malabarista alemão muito bom, conhece esse encontro. Esse encontro mudou minha vida, quando conheci o Beco, encontrei com coisas que não tive, conheci pessoas legais.

Qual a importância do chapéu na sua vida hoje?

É um reconhecimento do artista de rua. Não estamos pedindo dinheiro, estamos mostrando nosso talento.

É possível viver só do dinheiro do chapéu?

Com certeza! Tem muita gente que viaja o mundo vivendo do chapéu, isso é o máximo, a melhor coisa que tem.



Anderson Pereira da Silva, 2012

Com quantos anos você começou no farol?

Na verdade antes (de jogar malabares) eu vendia bala no trólebus em Diadema (...) com cinco anos, então sempre vivi na rua. (...) Vendi até os 12. Eu chegava no trólebus, tinha tanta amizade com o motorista, que eu chegava e ele já abria a porta do meio. (...) E até hoje eu entro no trólebus e me lembro.

Como você define o circo em uma palavra?

Minha vida.

Panfleto
CnB 5, 2003



O QUE FALARAM SOBRE O ANDERSON NAS ENTREVISTAS:

Samer Ali Zahra lak “Tive o prazer de ajudar o Anderson (“o Neguinho”) quando estava bem no começo, e ele sequer tinha claves ainda. Até me emociono em contar, era uma criança muito determinada e aparentemente sem nada na vida. Doamos algumas bolinhas e umas claves velhas... Ele dizia que ia ser melhor que o Anthony Gatto! Pegava sete bolas e as atirava para cima (ele nem conseguia jogar quatro na época), e perguntava ‘Estou melhorando, né?’. Não jogava nem três dessas sete bolas. Brincávamos com ele e o incentivávamos a treinar mais. Fiquei muito tempo afastado do Beco. Um belo dia volto e tem esse mesmo Anderson jogando oito aros! (...) Foi lindo.”

André Carvalho (Montanha) “Com o Anderson, foi assim, no começo, ele queria saber como eram as convenções europeias. (...) Fui um dos muitos que doaram claves para o Anderson poder treinar e não interromper uma carreira tão promissora. E o mais louco que o maior ídolo dele era o Anthony Gatto, e ele queria ser igual ao cara, em tudo, e eu dizia: ‘Você não precisa imitar ele’ (falava isso porque achava que ele nunca chegaria perto da lenda ‘Gatto’), mas o Anderson é tão especial, que ele treinou muito, e chegou lá. Hoje ele faz quase todos os truques do cara e mais alguns. (...) Agora é ele quem ensina a todos.”



Nacho Noche, 2003

Ajoelhado à frente: Gonzalo Caraballo. Ao fundo:
Banda Circo Delírio e The Pambazos Bros, 2013



Giro no queixo, pessoa
não identificada, 2003



Ailyn Evelyn
e Fernando
Proença, 2010

Graffiti, 2012



Guilherme
Multisambafônico e
Emanuela Helena, 2006



Leandro Calado e
Lolo Miotoloto, 2007



Além do Beco

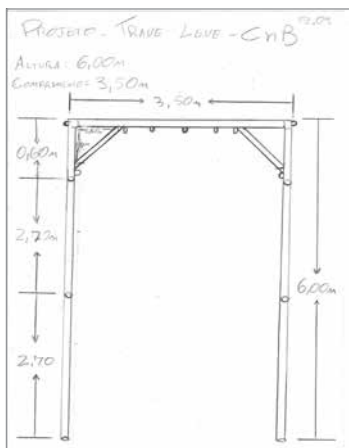
Pela vontade de incluir números aéreos nas apresentações do CnB, formou-se a Comissão de Aéreos, que ampliou o movimento com apresentações em trapézios, tecidos e cordas, que, no ar, sobrevoam o público e ampliam as possibilidades do espetáculo.

O Encontro Paulista de Malabarismo (ENPAUMA), que ocorre semanalmente desde 2003, se espalhou pelo Brasil, contagiando outros a também ocuparem praças de suas cidades com encontros.

E mais, a partir de um e-mail nada pretensioso, surgiu o primeiro Festival de Circo e Espetáculos de Rua. Tudo isso organizado pelo coletivo Circo no Beco. Conheça os outros pilares dessa história!



Jade Gouveia e
Maira Campos, 2003



Projeto de Trave do CnB, 2009

Comissão de Aéreos = união de gente-pássaro

A destreza e a presença, duas qualidades que acompanham lado a lado um acróbata aéreo, são, sem dúvida, determinações imprescindíveis para o êxito na realização de um número dessa modalidade circense.

Os cuidados aos mínimos detalhes de que necessitam esses “pássaros-atletas” perpassa pelo caminho de estarem bem preparados física, emocional e psicologicamente, porque qualquer passo em falso, ou melhor, voo sem segurança, estaria fadado ao insucesso. Por isso, a criação da C.A. foi um ato não só de ousadia e criatividade, senão de muita cautela e respeito.

Ao se unirem ao Circo no Beco, as pessoas que compuseram e criaram a C.A. determinaram-se primeramente a um momento de espera, pois a rua, mesmo sendo uma forma democrática de “alçar voo”, surgia naquele momento ali no Beco como uma nova proposta para esses artistas, pois precisavam de uma estrutura para suas apresentações. Logo aguardaram avidamente para botar suas “asinhadas de fora” e poder mostrar sua arte.

A proposta de ter uma C.A. era discutida em reunião, opiniões divergiam, o voto era sempre a forma de chegar a um consenso, e a C.A. sempre saía desprivilegiada por ser minoria, porém, seus participantes nunca deixaram que a ideia esfriasse, e seguia a tentativa de que o coletivo tivesse uma organização e estrutura para os números de aéreos que se apresentariam em futuros espetáculos.

Os que encabeçavam a sugestão tinham claro que era questão de tempo para que a C.A. fizesse uma noite inédita só de número de aéreos e que se conseguisse com o dinheiro do chapéu comprar uma trave. Exigiu-se dos envolvidos muita determinação, durando uns dois anos para que se concretizasse a contento.

A primeira trave do CnB foi apelidada carinhosamente de “elefantinho”, é fácil imaginar o porquê, afinal só se leva um nome desses algo realmente de peso.

Muitas das montagens e desmontagens da estrutura de aéreos eram feitas juntamente com o público, o qual contribuía com força física, tornando aquele momento algo único e desafiador. Além de desfrutes de um belo espetáculo na rua, de números que muitas vezes eram inéditos, havendo sido criados para aquele espetáculo em especial, como é o caso da “Super e Bela” e “As Cariátides”.

Vamos seguir essa história com relatos de quem fez acontecer.

Entrevista coletiva com: Emanuela Helena, Maria Druck, Marian Del Castilo e Tum Aguiar

COMISSÃO DE AÉREOS

Maria: Nós nunca éramos convidadas pros cabarés que aconteciam na época. (...) Foi por isso que a Comissão de Aéreos se formou, porque tínhamos a esperança de um dia se apresentar num cabaré nosso. Uma coisa criada no Beco. Teve um fluxo pra além dos aéreos que era trocar de números, não ter sempre o mesmo número. O primeiro ano foi bonito.

Tum: O legal era isso, nós nos encontrávamos durante a semana, durante o mês pra criar o número pra apresentar no Beco. Isso aconteceu muito com muita gente. Criar uma coisa para o Beco. O primeiro ano inteiro foi assim, com todos nós, cada Beco tinha um número novo. E era um espaço pra teste também, tipo “Tenho uma ideia mas não sei se funciona”. O Beco estava ali pra você ver, pra testar.

Maria: Tinha o lance dos personagens que no 1º ano funcionou, os chapeleiros se caracterizavam, tinha o segurança que era a Tum. Como os espetáculos variavam de tema, os personagens eram variáveis, a não ser o segurança que era sempre o segurança.



Montagem da trave no
CnB 14, 2004



Panfleto de uma edição especial do CnB, que foi realizada em outro local, no Pátio do Colégio, em 2004



Tum Aguiar, 2003

Sabendo que vocês em princípio não teriam a possibilidade de apresentar as partes que sabiam mais dentro do circo (especialidades) como os aéreos (...). Como vocês sentiam esse momento?

Manu: No primeiro momento todo mundo tinha noção, ideia, vontade de que um dia ia rolar. Não tinha: “Ó não podemos, mandemos assim, ó a gente pode, é só uma questão de tempo”.

Maria: A gente precisa arrumar uma trave...

Manu: (...) Mas a primeira trave que a gente usava era uma trave do Gil [fazendo referência a Gilberto Caetano...] a trave dele ficava na chácara dele, na central às vezes (...).

(...)

Tum: A primeira vez em que montamos a trave, fizemos dentro do Beco ou na praça? Porque o projeto inicial era pra montar dentro do Beco.

(...)

Marian: Foi a gente que se apresentou, Super e Bela.

Tum: Foi Super e Bela a primeira, foi na praça. Tem as fotos!

(...)

Tum: Eu lembro que a gente montou poucas vezes dentro, aí depois se viu que era muito mais fácil montar na praça.

Maria: (...) E lá na praça tinha aquela arquibancadinha, dava pra acomodar melhor o público do que dentro, e também porque começou a crescer muito o público, teve uma época que começou a vir muita gente.

Mafê: No 6º já tinha trave?

Tum: Sim, foi o primeiro. (...) Depois o CnB comprou uma trave.

Maria: Quem pagou a trave?

Todas: Chapéu!

(...)

SOBRE O CHAPÉU

Maria: Lembro que tínhamos essa inspiração da arte de rua europeia, a gente tinha essa ideia de fazer uma coisa de qualidade e que o chapéu seria o reflexo disso. Que a gente só conseguiria que o chapéu melhorasse quanto melhores fossem os espetáculos. O dia em que o espetáculo era bom, o chapéu era muito melhor.

Marian: Aqui também a galera é bem diferente. (...) Eu acho que não é que chegou com eles (argentinos de Mar del Plata), mas eles tinham mais essa liberdade.

Maria: O que tinha muito naquela época aqui em São Paulo é que estavam CHEGANDO os malabaristas de rua.

Tum: É, foi quando começou a coisa do farol...

Maria: Mas eles estavam cansados de trabalhar só no farol.

Marian: Sim, mas eles já tinham mais essa coisa de rua do que a galera aqui do Brasil. Uma coisa que eu lembro nas reuniões que a gente falava, o público brasileiro é diferente do público argentino, chileno ou uruguaio, que já está acostumado ver artista na rua...

Lembro que tinha muito essas discussões filosóficas que o público brasileiro está muito acostumado a dar esmola, então vamos tirar essa cara. (...)

Depois dessa discussão lembro que a gente melhorou muito a nossa qualidade, porque é exatamente essa coisa que a Maria estava falando, que quando o espetáculo é capenga o chapéu também é capenga.

(...)

Manu: Não sei se tínhamos a fase em que a gente já tinha o próximo espetáculo marcado de divulgar no próprio espetáculo?

Todas: Tinha, quando fazíamos a cada 15 dias então a gente divulgava no próprio espetáculo.

Maria: Era a cada três semanas, porque a gente achava de 15 em 15 muito perto e de mês em mês muito longe.



Jade Gouveia, Maíra Campos, Marian Del Castillo e Tum Aguiar, CnB 8, 2003



Edição especial do CnB: "Laboratório Arranha-Céu", a primeira noite de aéreos, 2005



As Cariátides (Tum Aguiar, Marian Del Castillo, Maria Druck e Jade Gouveia), CnB 8, 2003



Dia do circo no Centro de Memória do Circo. Antônio Marcos, Duíco Vasconcelos, Rita Masini, Giulia Cooper e Du Circo, 2011

Encontro Paulista de Malabarismo

Antes do surgimento do Encontro Paulista de Malabarismo, alguns praticantes da área reuniam-se em diversas praças e parques da cidade de São Paulo para treinar. Muitos se conheceram no Galpão Nau de Ícaros¹, (fundado em 2000), local que diversos malabaristas entrevistados apontam como importante disparador na criação de um evento desse tipo.

“Foi divertido. Fizemos o encontro dentro do beco mesmo, onde hoje em dia montamos a trave [no fundo do Beco]. Aí, poucos dias depois teve uma reunião e resolvemos fazer um dia com apresentações para passarmos o chapéu e iniciarmos o Circo no Beco. Logo na sequência do primeiro Beco já começamos a realizá-los às segundas-feiras”, conta Du Circo.

“O 1º encontro, o Marquinhos fazia faculdade (...), ele tinha feito Instituto Universal Brasileiro de coisas eletrônicas, ele ligou a luz e a gente fez.”, diz Duico.

O ENPAUMA possibilitou para pessoas de distintas áreas a oportunidade de conhecer essa arte milenar, nessa praça (Beco) a prática se dá de maneira informal na troca entre os participantes.

A organização acontece desde 2003 no mesmo local do Circo no Beco, e é composta por interessados dispostos, os quais montam luz e som para o deleite daqueles que estão afeitos a um bom treino.

Além dos malabaristas, o evento também atrai interessados em geral, que ficam sentados na arquibancada observando o treino dos demais. Um ótimo local para se aprender a jogar malabarismo, já que os frequentadores estão sempre dispostos a ensinar e a trocar conhecimento. Por essa razão, diversos circenses consideram o movimento uma verdadeira escola. Muitos começaram a frequentar o espaço apenas como admiradores e hoje são grandes malabaristas. Foi lá que aprenderam e desenvolveram sua arte.

“Tinha que ser aberto pra juntar o máximo de pessoas que pudesse. (...)

Por ano você coloca dois ou três que ascenderam, então viu-se que o espaço

¹ No final de 2002, a escola mudou de nome e passou a se chamar Galpão do Circo.



Encontro de Malabarismo no CnB, 2010

realmente tinha essa importância. Para um crescimento de um coletivo, ou para a técnica que aquele coletivo desenvolve, tem que ter regularidade no encontro”, relata Mateus Bonassa.

O movimento de malabarismo no Beco ocasionou diversas outras dinâmicas de malabares e circo pelo Brasil.

Relatos de fundadores de outros encontros

Ponte do Circo (Osasco)

Mateus Bonassa, fundador, nos conta um pouco melhor:

“Surge dia 18 de maio de 2011. Houve vários motivos que nos levaram a montar (...) em Osasco: primeiro (...) não tinha nada, eu tive que sair de lá para aprender alguma coisa. Existem vários artistas que vivem em Osasco mas não produzem lá, (...) a cidade não dá o incentivo, não tem uma vitrine para produzir.” (...)

Encontro de Malabarismo da Praça Roosevelt (SP)

Jorge Ribeiro descreve como e de que maneira funciona:

“O encontro na praça Roosevelt acontece todas as 5^{as} feiras, das 18h às 22h. (...) A vontade é de trazer o mesmo que o Circo no Beco oferece, só que



II Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2006, Douglas Diou e Dudu do Circo



Encontro de Malabarismo no CnB, 2013



Equilíbrio de uma clave- Encontro de Malabarismo no CnB, 2009



Jorge Ribero, 2010

em mais de um dia por semana. O espaço é adequado, já tem luz, tem um som, chão plano e liso. Oferece muitas possibilidades.”

Encontro de Malabarismo do ABC

Otávio Fantinato, fundador:

“Ele existiu de 2004 a 2007. Chegou a ter um público médio de cem pessoas. Tiveram muitos frutos do malabarismo que surgiram ali, como o Anderson (Neguinho). Foi como um espelho do Circo no Beco, com a mesma função.”

E por todo o Brasil também foram surgindo outros Encontros....

Muitos foram os frutos que essa grande árvore chamada Circo no Beco gerou, além de possuir raízes profundas que o mantém vivo até hoje. Uma verdadeira escola informal, cheia de pessoas dispostas a compartilhar, treinar junto, ensinar e aprender.

Vida longa às pessoas que se uniram para trocar desde truques de malabarismo até informações, favores e, sobretudo, amizade; ao ENPAUMA, que, reconhecendo a importância do evento, procurou manter as relações na hora de emprestar (e pedir emprestado) equipamentos, fomentando diversos encontros espalhados pelo Brasil.

Quantos grupos e trupes surgiram, quanta gente se conheceu, quantos foram os malabares lançados no espaço do Encontro Paulista de Malabarismo?! E quantos malabares será que já caíram no chão? Quantas claves já foram trocadas em fabulosos passes dando piruetas pelo ar?

FESTIVAL DE CIRCO E ESPETÁCULOS DE RUA (FECER)

Partindo do sonho de realizar um festival dedicado a espetáculos de circo de rua em São Paulo, a equipe do CnB incluiu o terceiro feito em suas realizações (o primeiro foi o Circo no Beco e o segundo o Encontro de Malabarismo).

A vontade dos organizadores de realizar um festival era muito grande, pois esse evento seria praticamente a comemoração de tantas conquistas já alcançadas pelo grupo. Além de espetáculos, a ideia era incluir cortejos, cabarés, palco abertos, shows, oficinas e bate-papos.

Partindo do grande objetivo do CnB, que é valorizar a arte de rua e ocupar espaços públicos, acreditavam que com um Festival atrairiam um maior número de pessoas e incluiriam mais artistas.

Os festivais de circo na rua já eram muito populares na Europa, porém no nosso país ainda eram uma grande novidade. Foi a partir de um e-mail de um dos fundadores, Marco Napuri (Markiño Peruano), que todos se animaram, pois este dizia que somente o CnB poderia realizar um Festival de rua em São Paulo (*vide e-mail abaixo*).



Encontro de Malabarismo no CnB, 2009

33 RE: [circonobeco]proposta!!!

marco antonio elduende

25 de ago de 2004

[Exibir fonte](#)

vcs sabian que existen festivais de arte de rua ,ao menos aqui na europa tem un monte de tuduuuuu circo ,arte de rua,musica ,payasos ufffff muitooo cada mes numa cidade defernte iso e legal si vc quiseren visitar site de festivais na espania e www.festivales.com,,,,estos festivales a maioria de veces e organizado por uma galera de artistas ,mais e auspiciado pelo ayuntamiento da cidade,i ai que vai a proposta porque nao se animam y facen o 1 festival de arte de rua!!!!!!!!!!!!!! no sao paulo ein so vcs podeniso pode acontecer una ves cada ano i asim facer un proyectoacho que seria muitooo legal vean un pouco mais de informacuiones de festivales espero que vc ayen gostado da ideia ...y fazan seu primer festival de arte de ruaso vc oden facer elo seu sao paulo ya que vc son !!!! abrasosomarkito



Panfletto do CnB 19, 2004



Bate papo no II Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2006

Tudo aconteceu na metodologia já conhecida do grupo, a produção se deu nas tradicionais reuniões no espaço do Projeto Aprendiz. De maneira informal, cada organizador foi assumindo um cargo mais específico: tesouraria, divulgação, produção, montagem, entre outras. Como não havia financiamento externo, a ideia era convidar grupos que já trabalhassem com espetáculos de rua e, ao final de cada apresentação, seria passado o chapéu, que se dividiria entre os artistas participantes e o CnB, responsável pela organização.

Com a força e vontade de todos, conseguiram realizar o **I Festival de Circo e Espetáculos de Rua** em abril de 2005.

Dessa forma, descobriram mais uma grande possibilidade de ocupar o espaço do Beco e seus entornos. O coletivo seguiu adiante e logo no ano seguinte, em 2006, realizou o **II Festival de Circo e Espetáculos de Rua**.

A partir dos aprendizados com a primeira edição, a produção foi atrás de apoio para alimentação nos supermercados e padarias próximos ao Beco. Além disso, houve uma assessoria de imprensa voluntária, que divulgou o Festival nas principais mídias de São Paulo, guias de programação cultural, sites e jornais. Também foi lançado um site específico (infelizmente, o site se perdeu e não encontram-se registros).

Todo o evento foi gratuito, exceto a festa de abertura que ocorreu em um espaço fora da praça. Ao final dos espetáculos, os artistas passaram o chapéu, que fora sempre entregue ao CnB, para ser dividido entre todos e com uma porcentagem para a organização. Todos os gastos com luz, som, divulgação e produção foram pagos com o dinheiro do chapéu.

Após a realização das duas edições do Festival, sem nenhum incentivo que não fosse a colaboração pontual de algumas pessoas, e claro, o chapéu, o coletivo desejou dar um passo mais adiante.

Continuaram com as reuniões semanais e ao final do ano de 2006, para a realização do **III Festival de Circo e Espetáculos de Rua**, consideraram inscrever o projeto em um edital público.

Como a proposta de editais era algo bastante novo, tanto no país quanto para o coletivo, o projeto começou a ser escrito, mas não chegou a ser concluído e enviado.



Tássio Folli, 2010

Apesar disso, o festival não deixou de acontecer. Foi realizado em 2007 e, assim como nos anos anteriores, organizado pelo próprio coletivo e financiado principalmente com o dinheiro arrecadado no chapéu.

O **IV Festival de Circo e Espetáculos de Rua** foi realizado em 2008 e comemorou os cinco anos do CnB, além do Dia Nacional do Circo (27 de março). O evento contou com apresentações de grupos de todo o Brasil e estrangeiros. Foram 13 companhias apresentando seus espetáculos, participando do cortejo, Palco Aberto, Circo no Beco, Renegados, Noite de Gala, oficinas, competições e exposição fotográfica (“O Beco” do fotógrafo Mário Moreno, que registrou durante um ano o ENPAUMA e o CnB). Além disso, contou com bandas, DJs, confraternizações, encontros, reencontros, muito divertimento e, principalmente, a valorização do artista de rua.

Para a realização do **V Festival de Circo e Espetáculos de Rua**, o coletivo decidiu inscrever o projeto em editais que pudessem auxiliar no financiamento do evento. Os organizadores uniram-se ao grupo Namakaca e juntos escreveram um projeto que fora enviado para dois editais, mas, infelizmente, não foi contemplado.

No entanto, a V edição ocorreu como de costume, e os grupos que se apresentaram mais uma vez contaram apenas com as contribuições espontâneas depositadas no chapéu.

As edições do CnB e do ENPAUMA continuaram acontecendo, e o Festival ocorreu novamente em 2011, porém em um novo formato. Dessa vez, foi realizado simultaneamente com o ENPAUMA, no qual durante um certo período, além dos tradicionais treinos de malabarismo, haviam espetáculos pré-agendados, que atraíram grande público.

Desde essa edição, foram realizados outros pequenos festivais e diversos espetáculos que ocuparam o picadeiro a céu aberto do Beco e da praça, principalmente nas segundas-feiras. É muito comum, grupos que não residem em São Paulo, ao passarem pela cidade, procurarem o Beco para realizar uma apresentação naquele espaço. De fato, é um público muito especial que comparece para assistir e uma praça que já tornou-se símbolo dos artistas de rua do mundo todo. Além disso, os artistas que residem na cidade, sempre que têm oportunidade, apresentam-se lá ou então comparecem para assistir, treinar



II Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2006. Dudu do Circo e Douglas Diou



Panfleto CnB 35



8 anos de CnB, 2011



I Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2005



II Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2006



IV Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2008

e reencontrar os amigos. Em todo espetáculo realizado no Beco, é passado o chapéu ao final, como fomento à arte de rua e maneira de valorizar e contribuir com o trabalho do artista.

É pertinente lembrar que a equipe de organização do CnB não é fixa, sempre foi recebendo novos integrantes, assim como alguns também foram saindo, pois passaram a dar prioridade a outros trabalhos. A organização ocorre de maneira horizontal, onde todos podem opinar nas reuniões, e, dessa forma, apesar de aspirações distintas que surgem, os Festivais sempre atraíram interessados que estavam dispostos a ajudar e a conhecer mais sobre a arte de rua. Todas as edições geraram grande satisfação tanto das famílias que ali frequentaram, como dos artistas e produtores que dedicaram seu tempo e criatividade para enriquecer ainda mais essa experiência.

Atualmente, o CnB ainda recebe espetáculos, que são pré-agendados com a organização, divulgados e ocorrem normalmente às segundas-feiras.



V Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2009

Sobre as fábricas de malabarismo

Quando surgiram no Brasil, as fábricas de malabarismo também foram importantíssimas para o fomento da arte, pois facilitaram o acesso ao material circense. Antes, era necessário fabricar o próprio malabares ou então comprá-lo no exterior.

Karen Moraes, proprietária da DYM Malabares, nos conta um pouco como surgiu essa ideia, até fundarem a fábrica:

“Eu e Paulo Ygar (...) tivemos acesso à primeira bolinha de malabarismo, (...) fomos para o Circo-Escola Picadeiro. Não conhecíamos nada. Lá foi que o Paulo percebeu que não havia o material, pois só haviam as claves que eram importadas ou dos tradicionais¹. E aí ele começou a construir e fazer, pesquisando para ele mesmo. Esse processo durou anos. (...) Essa pesquisa começou em 1998”.

Alexandre Hryhorczuk, proprietário da loja “Sr. Palhaço”, apresenta as características das lojas de materiais circenses:

“O circo sempre teve como característica marcante a itinerância (...). Quando viajamos e levamos a loja para cidades e localidades distantes vemos o quanto é divertido e importante nosso trabalho (...) mostrar ao público em geral o que é cada um desses equipamentos é muito importante sim para fomentar ainda mais a arte circense (...)”.

Paula Toleto, proprietária da JrMalabaris, explica sobre o fomento dos materiais circenses:

“Acredito que isso (as fábricas) pode levar a um maior interesse pelo circo por parte dos praticantes, mas, considerando que os circos em si não são grandes consumidores de malabares, não acredito que se possa afirmar que isso fomenta a atividade circense se pensarmos atividade circense como circo tradicional, mas se pensarmos como atividades circenses as ONG’s, os Projetos Sociais e as Escolas de Circo aí sim posso afirmar que as fábricas de malabares representam um papel importante no fomento dessa atividade”.



III Festival de Circo e Espetáculos de Rua, 2007



Paulo Caverna, 2007



Irmãos Becker, 2007

1 Dos malabaristas de famílias tradicionais circenses, que fabricavam o próprio equipamento.

Por trás das cortinas...

Um local que pode parecer uma praça qualquer, um lugar que para muitos artistas é de muito respeito, um palco sagrado.

Quem ali se apresenta, iluminado pelas ribaltas e pelo varal de luz, tem muito a compartilhar conosco. Conheça um pouco do que pensam sobre isto alguns dos vários artistas que já passaram por trás e pela frente dessas cortinas. Eles têm muitas histórias para contar!



Rhena de Faria, 2003

O que você entende sobre circo?

“Ohhh lá lá... Nesse momento acho que seria até mais fácil descrever o que eu entendo sobre física quântica.”

Tássio Folli

“Para mim o circo tem o encantamento das luzes, do brilho, pensando em casas fechadas, e a superação dos limites, que é a principal característica do artista de rua.”

Renato César Paio

“É minha vida, minha forma de expressão, paixão, arte, trabalho. Além do enorme respeito que sinto pelo tradicional, pelas famílias, pelos animais que são bem tratados.”

Tum Aguiar

“O desafio das possibilidades humanas.”

Mi Chan Tchung

“O espetáculo mais antigo e mais moderno de todos os tempos.”

Victor Avalos Tomate

“A valorização do diferente, todo mundo é bem-vindo e ‘cabe’ no circo. Circo é vida, é família.”

Chino Mario

“A palavra circo vem de círculo, redondo que nem o mundo.”

Maria Druck

“O circo sempre está ligado ao risco, à virtuosidade, mesmo que essa virtuosidade seja o ato de conquistar o público e não somente a habilidade física.”

Anderson Spada

“O maior espetáculo da Terra, mesmo quando é circo de pulgas.”

Marcilio Moura

“Circo é uma expressão cultural e artística do corpo que contempla três elementos básicos: a virtuosidade, o risco e a originalidade.”

Cesar Lopes

O que você entende por arte de rua?

“Arte livre e democrática. A rua não vê características sociais, (...) é acessível para todos os tipos de público. As contribuições voluntárias colocadas nos chapéus são dadas de coração, por amor verdadeiro à arte e ao trabalho do artista.”

Lucas Gardezani Abduch

“Como artista a rua, é o palco mais importante nas nossas vidas, te faz trabalhar muito o seu ego.”

Marian del Castillo Hernandez

“Artista de rua é esse que vive do dinheiro dos chapéus, que consegue transformar qualquer espaço público em um palco, em um teatro improvisado. Os pedestres viram público. A calçada, plateia. A rua é a pista de circo mais alta do mundo.”

Jesus Forniés

“Um estilo de vida.”

Marcelo Lujan

“É a cova dos leões.”

Cesar Lopes

“A rua é generosa e verdadeira. (...) Apenas 5% da população das grandes capitais frequentam os teatros, o artista de rua atende a todos os 100%. Pensando nas localidades que não se encontram nas regiões metropolitanas ainda é mais importante. Cria público, educa o consumo artístico e cultural, apresenta a vanguarda dos fatos e sugestões.”

Ben-Hur Pereira

“É aquele que pede licença pra entrar e agradece na hora de ir embora. Não faz concessão, se faz necessária ao momento em que se materializa. O tempo de uma função é suficiente para que ela transforme e seja transformada.”

Alexandre Roit

De quais espetáculos do CnB você participou?

“Apresentei por diversos anos o Circo do Beco. Sempre foram espetáculos bacanas do ponto de vista artístico. Um espetáculo que me lembro em especial foi num dia em que acabou a luz e continuamos a apresentar no escuro mesmo. Para o público foi uma experiência única e para nós também.”

Marcio Ballas

“Eu participei desde o início e fiquei todo o primeiro ano. Participei dos primeiros seis meses como organizadora/produtora (...). Como artista tive que desenvolver meu clown, né?! Porque eu sou artista aérea, e a trave só veio depois de seis meses de Circo no Beco. E isso foi muito bom porque o desenvolvimento pessoal foi enorme. Também nos virávamos como podíamos. Lembro que costurei a cortina do circo (que talvez deve existir até hoje), com a Maria. Fazíamos bolo e vendíamos, sempre precisávamos de dinheiro pra uma ribalta (risos). Muito bom, o início foi excelente. Lembro de todas as ideias que tínhamos, nossos porquês, nossos sonhos... Eu mantinha um diário meu que ia escrevendo a evolução do Circo no Beco e escrevia todas as minhas ideias, sobretudo números, cenografia, figurino, tempo, coordenação etc.”

Marian del Castillo Hernandez



André e Duba, “Irmãos Becker”, 2003



Grupo Parisada, 2009



Raphael Cardoso, “Multiartista”, 2013

“Particpei de dois espetáculos no Circo no Beco, um deles foi o de nono aniversário, foi a primeira vez que apresentei lá. Foi a maior fonte de energia que já recebi na minha vida.”

Rogério Piva

Qual a importância do Circo no Beco e do Encontro Paulista de Malabarismo para você e para o fomento da arte circense e de rua?

“O Circo no Beco é uma ótima oportunidade de desenvolvimento autogerenciado do movimento das artes da rua e do circo. Um espaço alternativo em uma cidade em que o imperativo é o mercado e o lucro. No meio da cidade de São Paulo, encontrar um espaço gratuito que incentive a cultura e arte é de extrema importância.”

Rodrigo Mallet Duprat

“Viajo muito e sempre que encontro pessoas afins com o circo elas conhecem o Circo no Beco. (...) Entendo o Beco com uma ‘Descola’: uma escola descolada, um tempo e um espaço para aprender/ensinar, compartilhar, se inspirar, se divertir.”

Mi Chan Tung

“O CnB foi o meu berço. Fui parido em um Beco dos namorados e educado durante o encontro semanal de malabares. (...) Mudou completamente o rumo que minha vida estava tomando, e agora, após nove anos da primeira vez que eu passei a cerca verde, eu continuo estudando muito do que aprendi lá. Tenho certeza que a iniciativa do encontro semanal, e também da Revista Palco Aberto, fizeram uma forte influência para que outras cidades criassem também seus próprios encontros regionais.”

Tassio Folli

“As pessoas que faziam o Beco me influenciaram. Comecei trabalhando no farol. (...) O Circo No Beco é o evento mais famoso de circo e arte de rua, muitas pessoas de todo mundo conhecem ou já se apresentaram no Beco.”

Duba Becker

“Eu viajei os 27 estados do país! (...) O Beco no Brasil é a grande referência! (...) O Circo no Beco influenciou muita gente a montar Encontro, tipo, eu faço parte do Encontro de Malabares lá de Natal; os meninos vieram aqui no Beco e ficaram doidos! Tem essa referência do espaço mais antigo, né?! Muito massa!”

Emerson de Souza Rodrigues

“Claro, numa cidade como São Paulo, em que a arte de rua ainda está engas-

tinhando, o Circo no Beco participou, talvez, do surgimento dela.”

Otavio Fantinato

Você acha que o Circo no Beco influencia na criação e no surgimento de novos artistas? De que forma?

“Voilà! Eu sou uma criação CnB! Vejo como funcionou comigo no passo a passo:

1. Mostrar que existe:

Fazer apresentações abertas ao público com a acessibilidade para todos, passando o chapéu. Nessas, após os espetáculos temos a oportunidade de conversar com os artistas, vendo que é um meio de vida possível.

2. Incentivar:

Convidar a participar do encontro semanal, para aprender, ensinar e compartilhar de maneira livre e espontânea.

3. Dar o espaço para começar a vida profissional:

Com convites para começar a ingressar em uma cena com o Palco Aberto, e abrindo a porta do mundo profissional tendo a oportunidade de participar como artista convidado para uma noite de espetáculo Circo no Beco. (passei por todas etapas!).”

Tássio Folli

“Sem dúvidas. Ao colocar pessoas incríveis juntas, coisas incríveis acontecem.”

Lucas Gardezani Abduch

“O Beco é um espaço sagrado, porque as pessoas que lá vão para encontrar as expressões artísticas conseguem desenvolver novos projetos e conhecer parceiros, o que reforça o caráter catalisador do espaço, além do acolhimento das pessoas no local: um espírito do local, um espírito de justiça e honestidade como vi em poucos lugares! Um lugar de gente ‘olho no olho!’”

Theresia-Louise

“Eu acho que a nossa primeira proposta de fazer um cabaré mensal, o Circo no Beco, em si, era pra motivar artistas emergentes, para ter um palco onde pudessem estrear... E uma das ideias era também de ser a referência para os artistas de rua latino-americanos. Eu acho que conseguimos, é um ponto de referência, queríamos criar um lugar onde TODO MUNDO PUDESSE SE APRESENTAR.”

Marian del Castillo Hernandez

“A arte chama a arte, então, se surge um lugar onde tem espetáculos e se reúnem periodicamente artistas, o natural é que ao seu redor vá se articulando uma rede de artistas (...) onde todos influenciam e são influenciados.”

Carlos Rodrigo Pereyra

“Totalmente. É um espaço democrático que abre as portas para os mais consagrados artistas como para os mais iniciantes e experimentais. (...) É uma ‘Descola’. (...) Arte é prática, e o Beco abre um espaço incrível de prática, constante e inspirador. É um ambiente que proporciona muita sociabilização, e assim é fácil encontrar um parceiro, trocar ideias, treinar e ensaiar juntos, e ainda se apresentar para um público super aberto e de quebra faturar uns mangos.”

Mi Chan Tchung

“O Circo no Beco é a melhor escola de malabares do Brasil e acredito que uma das melhores do mundo.”

Rogério Piva

“O Circo no Beco está muito aberto para todos. (...) Existem oficinas e as pessoas estão abertas para ajudar aos outros e, acima de tudo, organiza espetáculos de todos os níveis!”

Hans Vanwynsberghe



Paulo Ygar, 2011

Quais foram seus principais aprendizados no Circo no Beco e no Encontro Paulista de Malabarismo?

“Compartilhar de forma livre o conhecimento para que cada um encontre sua própria forma de usá-lo.”

Tassio Folli

“Além de novos truques de malabarismo, aprendi sobre produção de espetáculos e eventos, formação de público, elaboração de projetos culturais para leis de incentivo e tudo isso de maneira muito informal, oral e espontânea.”

Lumineiro

“A mais importante acredito que é a construção de uma comunidade/família, com todas as pessoas unidas por um mesmo ideal.”

Lucas Gardezani Abduch

“(…) A comunidade que se criou brilha pela troca de conhecimentos. Hoje, já estamos em outra fase, mas quando era adolescente e o movimento era iniciático, pude sentir a honestidade, humildade, paixão, dedicação, disciplina e ausência de preguiça nessa classe beco-circense!”

Theresia-Louise

“A amizade que fizemos e a simplicidade com que tantos artistas e malabaristas se dedicam aos menos experientes. Acabamos, em meio ao século XXI, criando uma família, uma família circense diferenciada, sem laços de sangue, mas com laços de amizade, carinho e respeito.”

Rodrigo Mallet Duprat

“O Circo no Beco é sempre uma surpresa e um local cheio de generosidade e de riqueza humana.”

Tropa Trupe

“O grande ensinamento que me foi passado não foi um ensinamento, mas sim uma forma de entender o fazer artístico: ‘Faça você mesmo!’.”

Paulo Ygar

“Busco ensinar mais os valores de compartilhar, de harmonia, de igualdade e depois dou uns toques no malabares.”

Rogério Piva

“O trabalho em grupo, a autogestão, o amor pela arte e pelo fazer coletivo.”

Carimbó

“O trabalho em equipe. A persistência em torno de um objetivo comum. A capacidade de atuar em rede. A gestão compartilhada.”

Alessandro Azevedo

“Todos são aprendizes e professores.”

Danielle de Siqueira Vasconcelos

“Determinação e coordenação foram as coisas que mais aprendi...”

Juliana Gusmão

Como você vê o Circo no Beco no passado, e como você o vê hoje?

“Um ciclo de pessoas. O Circo no Beco sempre tem a cara de quem o produz e das pessoas frequentadoras e, de tempo em tempo, estas pessoas mudam.”

Douglas Marinho do Amaral

“Vejo o Beco no passado como um local mais cheio de engajamento por parte de muitos jovens talentosos, que tendo aquele local como compromisso semanal, presencial e sagrado, construíram um espaço catalisador de pessoas do mundo todo interessadas em música, graffiti e principalmente MALABARES. Hoje vejo um movimento cuja safra da geração passada se dedica às suas carreiras e não vê mais naquele espaço um compromisso inadiável, e sim um espaço de origem, deixando, assim, o espaço aberto e livre para as gerações mais novas ocuparem. No entanto, as gerações mais novas não têm o mesmo volume de gente

com o mesmo tanto de tempo para se dedicar. A cidade já não é a mesma, porém o Circo no Beco continua, e não vai parar nunca!!! Todas as segundas tem gente, gente nova e gente velha, a fim de se encontrar, praticar, conversar e trocar. O espírito é o mesmo, guardadas as proporções.”

Theresia-Louise

“No passado o Circo no Beco era uma coisa quase familiar, durante os primeiros meses nos parecia estranho quando vinham pessoas que não conhecíamos muito, o que não era ruim, porque era o que buscávamos e a sobrevivência do projeto dependia um pouco disso. O que não éramos conscientes é de que podiam se interessar pelo projeto, pessoas de fora do nosso círculo de relações circenses. Nesse sentido, é muito caminho andado, o Beco conseguiu abrir um espaço no cenário circense de São Paulo, e se converteu numa referência em relação à arte de rua; iniciou numerosos artistas no mundo circense e ajudou o Projeto Aprendiz a reabilitar este espaço da Vila Madalena gerando atividades para a vizinhança; em todo este processo, os integrantes do projeto, os colaboradores, os artistas, foram mudando mais o projeto, porém continuou (com seu altos e baixos) crescendo, demos-

trando a necessidade do mesmo e o compromisso das pessoas que, em um ou outro momento, se viram relacionadas de uma ou outra maneira ao projeto.”

Carlos Rodrigo Pereyra

“Antes tinha o cheiro da novidade, muito entusiasmo, querer fazer, descobrir, criar, estar, participar. Hoje é algo instalado, sólido, que já faz parte da cidade. Quinta-feira tem feira na minha rua e segunda tem Beco na praça. Já é quase um ‘bem público’. O espírito se manteve. As famosas reuniões da quarta à noite não... Os panfletinhos divertidos estão, a galera se renova mas a velha guarda visita, as luzes não são tão mambembes como antes... Hoje dá vontade de crescer mais, de movimentar algo de grana. Pero sin perder la ternura jamás.”

Mi Chan Tchung

“No passado: um pontapé inicial como espaço de troca artística. No presente: como um espaço de referência e com muito mais possibilidades artísticas.”

Pedro Mucciolo



Lumineiro, 2011

Você já viveu somente do dinheiro que ganhava com o chapéu nas apresentações de rua? Você acha possível viver só dele ainda hoje?

“É possível viver somente do dinheiro do chapéu, conheço muitas pessoas que vivem. Já vivi por muito tempo só de espetáculos de rua e isso me abriu portas para me apresentar em festivais e eventos em outros estados que atualmente são a minha maior fonte de renda.”

Douglas Marinho do Amaral

“Eu acho que é possível, mas você tem que saber que não vai ficar rico. Atualmente eu trabalho quase exclusivamente na rua.”

Carlos Rodrigo Pereyra

“Sim! Mais de nove anos... Acho possível, mas é difícil no Brasil... Em outros países é possível e fácil.”

Chino Mario

“Eu já vivi só do chapéu sim, e acho totalmente viável, porém a cultura do chapéu no Brasil é muito malvista. Já está mudando, mas vejo que para a sociedade, a princípio, você é um vagabundo, depois um pedinte e, por último, talvez um cara que faz algo legal. É assim que a maioria nos vê.”

E o chapéu muitas vezes atua como um repelente de público. Você tira o chapéu, todos fogem. O que o povo precisa aprender a diferenciar é artista de rua de oportunista que vai lá pedir dinheiro usando da arte. Vivemos essa vida, nos dedicamos horas e horas por dia para isso e o povo não percebe e não valoriza.”

Samer Ali Zahra Iak

“A rua te dá muitas alegrias e contatos e paga as contas também... Tem que ter disposição e desapegar, fazer por amor para não ser chato, assim como todo trabalho (...) não tem horário, nem patrão, então é preciso ter disciplina e ser o seu próprio patrão.”

Guilherme Folco

“No início do meu trabalho o chapéu era o meio mantenedor das minhas despesas. Todos os dias, umas cinco rodas por dia. Atualmente, não conseguiria. Não temos uma tradição forte. Muita proibição para o uso do espaço público.”

Alessandro Azevedo

Qual a importância do chapéu na sua vida hoje?

“Fomento. Hoje no Brasil já existe algum reconhecimento da contribuição no chapéu ser a resposta do que você está assistindo e não uma esmola ou

algo similar. Mas ainda é uma pequena parcela da população que vê o chapéu desta forma, por isso eu e vários outros artistas de rua, mesmo com o espetáculo sendo contratado e sendo pago cachê, fazemos o discurso do chapéu e o passamos para a conscientização e fomento.”

Douglas Marinho do Amaral

“O prazer de ter um ofício, de saber que onde e como eu estiver eu posso me virar e me divertir com isso. Autonomia é a palavra mesmo.”

Mi Chan Tchung

“Acho que o chapéu é o coração de cada pessoa depositado ali, o retorno do sentimento que entregamos. É o sinal do respeito e da liberdade, de doar ou não doar, no chapéu cabe dinheiro, porém, cabem sorrisos, olhares, lágrimas, sentimentos, cabem vidas.”

Rogério Piva

“Hoje torço para que ele crie força, enquanto tradição e meio de sobrevivência. Mas para mim é uma forma de acessibilidade, é democrático e não impeditivo, não capitalista.”

Alessandro Azevedo

“O chapéu ajudou na minha formação como artista. Com ele comprei minhas primeiras claves, paguei meus primeiros anos de profissão. Ainda hoje,

mesmo não fazendo mais tanta parte do meu cotidiano profissional, quando tenho oportunidade resgato o ‘artista de rua’ e vou demonstrar a minha arte, em troca do reconhecimento pago no meu chapéu.”

André Russo Becker

“O chapéu foi minha única fonte de renda durante muitos anos, me ajudou a terminar meus estudos e me ensinou a trabalhar na rua e a desenvolver a linguagem que hoje em dia trabalho.”

Daniel Ernesto Poittevin Pijuan

“Liberdade.”

Paulo Gustavo Moraes

Você teria algo a dizer para as pessoas que estão começando hoje com as artes de rua, ou as artes circenses?

“Converse muito com artistas profissionais ou que estão em começo de carreira, para saber realmente como funciona. Soa muito bonito dizer que se vive de arte, que sua profissão é disseminar a alegria e que fugindo com o circo encontramos a liberdade. Porém não é nada fácil, e é quesito necessário estar apaixonado pelo trabalho para realizá-lo (e, mesmo assim, às vezes

a paixão não é suficiente). Como disse um amigo profissional do circo há muitos anos: ‘Não são todos os dias que eu quero dar um mortal às nove da manhã.’”

Tassio Folli

“Dê o seu melhor e coisas fantásticas acontecerão!”

Lucas Gardezani Abduch

“Não desistam. É trabalho duro, árduo mas altamente recompensador.”

Alexandre Jungermann

“Que para tudo existe o lugar e o público adequado. Se não dá certo, não insista no erro, que é muito frustrante e desgastante. É realmente preciso muita força de vontade para dar as caras na rua, começar a se apresentar assim, do nada, sem ninguém esperando por isso (o oposto de um teatro onde o público está ali sentadinho te esperando, e já até pagaram inclusive). Então, se o número não estiver resultando, primeiro prove mudar de lugar e esteja aberto aos acasos, que te guiarão às condições propícias.”

Mi Chan Tchung

“Que abandonem! Que continuem somente se não podem evitar.”

Victor Avalos Tomate



Trupe 1 kg e meio, 2011



Palhaço Tomate, 2012



Nadia Funes, 2013

“Sim, para acreditarem, correrem muito atrás do sonho, nunca deixarem de pesquisar e estudar, ficar com o mesmo número de celular para sempre, fazer contatos, ter cartão e site, atender bem seus clientes, quanto estiver capacitado, dar aulas, abrir várias frentes de trabalho para não ficar numa fonte de renda só, fazer eventos, festas infantis, festas familiares, ir nas convenções de circo, ser frequentador do Encontro de Malabarismo, participar de cabarés sem ganhar e, se tiver oportunidade, do Palco Aberto ou mesmo dos espetáculos do Circo no Beco...”

Du Circo

“O que eu digo para meus alunos acho que se estende à arte em geral: vejam, vejam, vejam muito. Assistam a tudo quanto é tipo de manifestação artística. Sejam curiosos. O artista nasce da curiosidade. Artista sem curiosidade é artista morto. ‘Colem’ em quem sabe mais e aprendam com a observação. (Digo isto sem nenhuma soberba, pois seguirei fazendo isto até o final dos meus dias).”

Rhena de Faria

“Que acreditem nas suas ideias por mais loucas que pareçam!”

Nadia Funes

Você ainda faz rua? Como é fazer rua no Brasil atualmente?

“Existem muitas maneiras de fazer rua. Tem a rua diariamente como ganhador-pão. O farol, que também pode funcionar da mesma maneira. Existe a temporada de verão; e existem os festivais de rua. (...) Em festivais normalmente o público é caloroso e tem sede de ver os espetáculos, participar e contribuir, o que resulta em bons chapéus.”

Fernando Nicolini

“Legal. Eu sempre vou gostar de fazer rua, pois é o que eu gosto de fazer. Se você gosta do que faz, a consequência sempre é boa, você vai fazer um trabalho bonito...”

Jorge Ribeiro

Tem algo a mais que você gostaria de dizer?

“O Circo no Beco e o Encontro Paulista de Malabares representam educação, encontro, cultura urbana, coletivo, comunidade e memória afetiva do bairro da Vila Madalena e de São Paulo, reconhecido e imitado pelo Brasil e fora.”

Julieta Zarza

“Quero contar que vi coisas incríveis no Beco, espetáculos, números, artistas,

graffiti e histórias de vida. A arte transforma e o Beco transformou muita gente!”

Thiago Cintra

“Parabéns a todos que estão e que estiveram neste projeto, fazendo a roda girar. Projeto lindo que colore um pouco mais nossa cidade.”

Camila Danieletto

“Sou fã do Circo do Beco desde o princípio! Vida longa!!!”

Marcio Ballas

“O Beco é das coisas mais revolucionárias que conheço.”

Mi Chan Tchung

“Agradecer a todos que já passaram pelo Circo no Beco, que ajudaram a segurar esse projeto por tantos anos e parabenizar a vocês pela conquista desse prêmio para deixar registrado num livro esses dez anos de Circo no Beco.”

Du Circo

“Parabéns! O movimento é admirável, tem força e é referência! Talvez não seja possível ter ideia de como isso tenha mudado a vida de algumas pessoas.”

Gabriela Winter

“Parabéns à equipe que sempre manteve a chama das artes de rua acesa.”

André Arruda de Carvalho

“Vida longa a tudo que é de bom compartilhado pela sociedade.”

Marcio Douglas

“Uma das minhas lembranças mais fortes do Circo no Beco foi de quando eu fui Mestre de Cerimônias. Lembro-me que o chapéu estava muito fraco, havíamos arrecadado muito pouco. Então, lá pela penúltima passada de chapéu, eu decidi leiloar uma das minhas joias, que nada mais era do que uma bijuteria bem sem-vergonha, um colar, uma pulseira, não me lembro. ‘Uma legítima 25 de março’, eu disse. Aí eu sugeri o lance mínimo de 50 centavos e as pessoas começaram a dar lances mais altos, até que alguém arrematou a tal ‘joia’ e o dinheiro foi pro chapéu. Foi muito legal.”

Rhena de Faria

“Fico muito feliz pelo esforço coletivo que vocês estão realizando para juntar todos estes depoimentos. É muito legal ter participado da construção desse processo e saber que o coletivo, os espetáculos e encontros continuam acontecendo hoje, tantos anos depois. O Circo no Beco é maior do que o conjunto dos seus participantes, que era a ideia. Viva o Circo no Beco! Viva a arte de rua! Viva o espaço público cheio de alegria, de arte, cultura e pessoas que riem e sorriem.”

Leda Lorenzo Montero

“Agradecer a energia dos que acreditaram e acreditam até hoje nessa iniciativa do Beco, que traz artistas do mundo inteiro para que se surpreendam, como uma referência mundial do circo de rua.”

Raphael dos Santos Cardoso



Douglas Diou, CnB 24, 2004



Otavio Fantinato, 2010

Memórias reveladas

Alguns cliques reunidos, mostrando a pluralidade de técnicas e artistas que já pisaram nesse palco tão especial. De boas lembranças vivem as memórias reveladas.

Gonzalo Caraballo, 2009



Ronaldo Aguiar, 2010



Rhena de Faria, 2003

Du Circo e César Lopes,
"Renegados", 2007



Namakaca, 2007



Reunião da organização do CnB, 2004



Guilherme Multisambafônico, 2010

“Macho Menos”
(Los Circo Los e
The Pambazos Bros), 2005



PC, CnB 4, 2003



Guga Morales, 2011



Caterina Castro, 2005



Paulo Caverna, Du Circo e
Cesar Lopes, 2007



Emanuela Helena, CnB 4, 2003

Espetáculo Circo no Beco 9 anos

São Paulo, 18 de março de 2012.

O Beco é algo que não se pode definir com palavras, a energia que é partilhada entre todos que frequentam é deslumbrante, valores para se viver em harmonia plena.

Um encontro aonde chegam os apaixonados pela arte, pessoas que estão em busca da simplicidade, da harmonia, da amizade, da fraternidade (...) a arte reina e a arte nos livra de tudo o que nos aprisiona (...) nos faz entender o significado da vida.

Onde ninguém é melhor, onde todos são um; unifica-se aquele lugar para um universo de sabedoria, de pessoas loucas, que não desejam ser normais, pois na verdade loucos são os que são normais. Normal a uma sociedade capitalista é seguir a moda, é se importar com a aparência (...). Ser normal é ser mais um no meio da multidão, mais um que deixará a vida passar sem lutar por nada (...).

No Beco eu encontro pessoas assim (...) loucos aos olhos de outros loucos, mas normais aos olhos daqueles que enxergam a essência. O Beco é isso e muito mais.

Era o aniversário de 9 anos, e eu fui convidado a apresentar, foi fantástico. Ali estavam meu pai, minha

mãe, minha irmã, minha amada Ana e muitos amigos. Estava muito empolgado e ansioso.

Eu era o último a me apresentar, estava um pouco tenso, pois apresentar para aquela turma de gente apaixonada por arte é uma realização (...) senti cada palma, cada sorriso, cada vibração; a música rolava enquanto eu fazia meus aparelhos irem ao ar como em uma harmonia de notas musicais.

A adrenalina estava muito forte, em determinada parte, quando realizei uma evolução e cumprimentei o público, sorrindo e dançando, a apresentadora palhaça pulou em mim, como se me abraçasse com as pernas e eu caí no chão com ela, ela dançava por cima de mim e em seguida me deu beijo na boca.

A galera aplaudia e gritava, eu levantei e segui dançando e aproveitando o calor do público (...) fantástico, muitos se levantaram para aplaudir, foi uma energia inexplicável, um dia fabuloso.

Meu pai e minha mãe estavam juntos assistindo (...) creio que orgulhosos de tudo. Naquele lugar de tanta simplicidade, puderam presenciar a quantidade de amor que reina entre todos, acho que devem ter pensado que estou no caminho certo.

Rogério Piva

Suas memórias

Registre aqui suas lembranças do Circo no Beco.
Você também pode compartilhar conosco: livrocnb@gmail.com.

Referências

Livros

CASTRO, Alice Viveiros de. *Meninos eu vi*. Disponível em: <<http://acrobatasmentais.blogspot.com.br/2010/04/meninos-eu-vi.html>>. Acesso em 3 de junho de 2013.

GASPAR, Lúcia. *Ciganos no Brasil*. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=914:ciganos-no-brasil&catid=38:letra-c&Itemid=1>. Acesso em 25 de março de 2013.

MILITELLO, Dirce Tangará. *Picadeiro*. São Paulo: Guarida, 1978.

NEPOMUCENO, Luiz. *Vai, vai vai começar a brincadeira: Em meios a uma gargalhada tradicional, algumas notas histórias do desenvolvimento do circo no Brasil (notas prévias de pesquisa)*. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/interlegere/05/pdf/peo4.pdf>. Acesso em 3 de março de 2013.

RUIZ, Roberto. *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luíz Alberto de. *Respeitável público... O circo em cena*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.

SILVA, Ermínia. *A linha do tempo das artes circenses*. Disponível em: <http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1910%3Aa-linha-do-tempo-da-artes-circenses&Itemid=424>. Acesso em 19 de março de 2013.

TORRES, Antônio. *O Circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

Filmes

MR. *Abrakadabra!*. Direção: José Araripe Junior. Produção: Moisés Augusto. Bahia, 1996. Ficção, 13'. Colorido. Formato: 35mm. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=mr_abrakadabra>. Acesso em 29 de março de 2013.

O Circo. Direção: Arnaldo Jabor. Rio de Janeiro, 1967. Documentário. Disponível na midiateca do Itaú Cultural, São Paulo-SP. Consultado em 27 de março de 2013.

Agradecimentos

Muitos contribuíram para que essa pesquisa pudesse ser realizada e publicada.

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer a FUNARTE, que, através do Prêmio Petrobrás Carequinha de Estímulo ao Circo, possibilitou a produção de todas as etapas desta pesquisa. Este é um verdadeiro reconhecimento para anos de trabalho realizados no CnB.

Agradecemos também a todos os entrevistados e integrantes desse gigante coletivo que é o CnB, aos fotógrafos, aos

fotografados, aos que buscaram em seus “baús” as lembranças que hoje poderão se encontrar expressas aqui neste livro.

Aos que contribuíram com o que tem de melhor, aos artistas de circo de lona, de rua, ou do teatro; que sigam assim proliferando sua arte e exercendo sua função e ofício.

Ao Beco por resistir enquanto espaço público, e às pessoas que nesse lugar seguem resistindo com ele, criando e transformando-o a cada dia, e que assim se possa chegar a mil anos, para que muitas histórias sejam contadas...

Créditos das fotos

Capa, (acima), © Clarissa Monteiro / © Clarissa Monteiro / © Circo no Beco / © Emanuel Helena, (abaixo), © Renan Miguel / © Clarissa Monteiro / © Clarissa Monteiro / © Lilian Higa / 4ª Capa, (acima), © Emanuel Helena / © Paulo Andringa / © Peterson Galvão / © Clarissa Monteiro, (abaixo), © Marian Del Castillo / © Emanuel Helena / © Circo no Beco / © Clarissa Monteiro / Pág. 1 © Clarissa Monteiro / Pág. 2 © Renan Miguel / Pág. 5 © Clarissa Monteiro / Pág. 6 (acima a esquerda), © Clarissa Monteiro / Pág. 6 (acima a direita), © Clarissa Monteiro / Pág. 6 (abaixo a direita), © Bruna Serena / Pág. 6 (acima a esquerda), © Clarissa Monteiro / Pág. 10, © Rubens Kignel / Pág. 11 (acima), © Paulo Andringa / Pág. 11 (abaixo a esquerda), © Acervo Circo no Beco / Pág. 11 (abaixo a direita), © Peterson Galvão / Pág. 12 (acima a esquerda), © Peterson Galvão / Pág. 12 (acima a direita), © Rodrigo Buchiniani / Pág. 12 (abaixo a direita), © Paulo Andringa / Pág. 12 (abaixo), © Diego Fachini / Pág. 14, © Google Images / Pág. 15, © Alice Viveiros de Castro / Pág. 16, © Paulo Andringa / Pág. 19, © Peterson Galvão / Pág. 20, © Paulo Andringa / Pág. 23, © Acervo Circo no Beco / Pág. 25, © Paulo Andringa / Pág. 26 (acima), © Paulo Andringa / Pág. 26 (abaixo), © Renan Miguel / Pág. 27, © Emanuel Helena / Pág. 29, © Renan Miguel / Pág. 30, © Paulo Andringa / Pág. 32, © Paulo Andringa / Pág. 33, © Isabella Costa / Pág. 34 (acima), © Emanuel Helena / Pág. 34 (abaixo), © Acervo Circo no Beco / Pág. 35, © Clarissa Monteiro / Pág. 36 (acima), © Peterson Galvão / Pág. 36 (abaixo a esquerda), © Acervo Circo no Beco / Pág. 36 (no centro a direita), © Paulo Andringa / Pág. 36 (abaixo a direita), © Paulo Andringa / Pág. 38 (acima a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 38 (abaixo a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 38 (a direita), © Peterson Galvão / Pág. 39, © Henrique Mendonça / Pág. 41 (acima), © Peterson Galvão / Pág. 41 (abaixo), © Bruna Serena / Pág. 42 (acima a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 42 (abaixo a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 42 (a direita), © Camila Danieletto / Pág. 43 (a esquerda), © Peterson Galvão / Pág. 43 (a direita), © Paulo Andringa / Pág. 44, © Emanuel Helena / Pág. 45 (a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 45 (a direita), © Emanuel Helena / Pág. 46 (a esquerda), © Lilian Higa / Pág. 46 (a direita) © Paulo Andringa / Pág. 47 (a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 47 (a direita), © Emanuel Helena / Pág. 48 (a esquerda), © Alan Soares / Pág. 48 (a direita), © Paulo Andringa / Pág. 49 (acima a esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 49 (abaixo a esquerda), © Marco Napuri / Pág. 49 (acima a direita),

© Paulo Andringa / Pág. 49 (abaixo a direita), © Paulo Andringa / Pág. 50 (acima), © Emanuel Helena / Pág. 50 (abaixo), © Lilian Higa / Pág. 51 (a esquerda), © Tum Aguiar / Pág. 51 (a direita), © Emanuel Helena / Pág. 52, © Tum Aguiar / Pág. 52, © Marian Del Castillo / Pág. 53 (a esquerda), © Camila Danieletto / Pág. 53 (a direita), © Emanuel Helena / Pág. 54, © Paulo Andringa / Pág. 55 (todas), © Paulo Andringa / Pág. 56 (a esquerda), © Rodrigo Buchiniani / Pág. 56 (a direita), © Paulo Andringa / Pág. 57 (acima), © Paulo Andringa / Pág. 57 (abaixo), © Emanuel Helena / Pág. 58 (a esquerda), © Marian Del Castillo / Pág. 58 (a direita), © Paulo Andringa / Pág. 59, © Emanuel Helena / Pág. 60, © Renan Miguel / Pág. 61, © Renan Miguel / Pág. 62, © Paulo Andringa / Pág. 63, © Bruna Serena / Pág. 64 (acima a esquerda), © Emanuel Helena / Pág. 64 (abaixo a esquerda), © Emanuel Helena / Pág. 64 (acima a direita), © Peterson Galvão / Pág. 64 (centro a direita), © Renan Miguel / Pág. 64 (abaixo direita), © Camila Danieletto / Pág. 66, © Emanuel Helena / Pág. 67, © Paulo Andringa / Pág. 68, © Paulo Andringa / Pág. 69, © Tum Aguiar / Pág. 70 (acima), © Tum Aguiar / Pág. 70 (abaixo), © Circo no Beco / Pág. 71 (acima), © Diego Fachini / Pág. 71 (abaixo), © Rodrigo Buchiniani / Pág. 72 (acima), © Bruna Serena / Pág. 72 (centro), © Circo no Beco / Pág. 72 (abaixo), © Peterson Galvão / Pág. 73, © Circo no Beco / Pág. 74 (acima), © Rodrigo Buchiniani / Pág. 74 (abaixo), © Peterson Galvão / Pág. 75, © Rodrigo Buchiniani / Pág. 77 (centro), © Lilian Higa / Pág. 77 (abaixo), © Rodrigo Buchiniani / Pág. 78, © Paulo Andringa / Pág. 80 (acima), © Paulo Andringa / Pág. 80 (centro), © Lilian Higa / Pág. 80 (abaixo), © Raphael Cardoso / Pág. 82, © Clarissa Monteiro / Pág. 84, © Clarissa Monteiro / Pág. 86 (acima), © Clarissa Monteiro / Pág. 86 (centro), © Rogério Piva / Pág. 86 (abaixo), © Nadia Funes / Pág. 87 (acima), © Paulo Andringa / Pág. 87 (abaixo), © Peterson Galvão / Pág. 88 (esquerda), © Peterson Galvão / Pág. 88 (direita acima), © Lilian Higa / Pág. 88 (direta abaixo), © Paulo Andringa / Pág. 89 (esquerda acima), © Camila Danieletto / Pág. 89 (esquerda no meio), © Camila Danieletto / Pág. 89 (esquerda abaixo), © Paulo Andringa / Pág. 89 (direita), © Acervo Circo no Beco / Pág. 90 (esquerda), © Paulo Andringa / Pág. 90 (direita acima), © Emanuel Helena / Pág. 90 (direita ao meio), © Peterson Galvão / Pág. 90 (direita abaixo), © Emanuel Helena / Pág. 91 (acima), © Camila Danieletto / Pág. 91 (abaixo), © Emanuel Helena / Pág. 96, © Clarissa Monteiro



Agradecimento final, 2011